

FACULDADE DE SÃO BENTO

Alexandre Francisco de Marchi Silveira

**O PROCESSO MISTAGÓGICO CRISTÃO
E SUA TRANSMISSÃO NA CULTURA MODERNA**

São Paulo
2018

FACULDADE DE SÃO BENTO

Alexandre Francisco de Marchi Silveira

**O PROCESSO MISTAGÓGICO CRISTÃO
E SUA TRANSMISSÃO NA CULTURA MODERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do título
de Bacharel em Teologia na Faculdade de São
Bento. Orientador: Prof. Dr. André Luiz
Bocato de Almeida, OP

São Paulo
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

ALEXANDRE FRANCISCO DE MARCHI SILVEIRA

O PROCESSO MISTAGÓGICO CRISTÃO E SUA TRANSMISSÃO NA MODERNIDADE

Trabalho defendido como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Teologia pela Faculdade de São Bento. Tendo como membros da banca examinadora:

Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida (Orientador)

Prof. Ms. Márcio Alexandre Couto

Prof. Ms. Domingos Zamagna

Quantas vezes em criança, saí correndo até o horizonte,
para ver como se encontram e fraternizam a terra e o céu, ou o céu e o mar...
Voltava suadíssimo e ainda mais sedento de infinito...

(Dom Helder Câmara, 1986, p. 55).

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Ordem dos Pregadores, minha família religiosa, que me proporcionou as condições necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa. De modo especial, ao meu orientador e confrade de todos os dias, frei André Luiz Boccato de Almeida, OP, pela paciência, dedicação e fraternidade. Minha gratidão a frei Franklim Drumond, OP, que gentilmente se dispôs em ajudar-me na revisão e configuração deste trabalho monográfico.

Quero agradecer também aos professores e colegas de turma, pela amizade e trocas de experiências.

Meus sinceros agradecimentos à minha família, em especial aos meus pais, pelas orações e por todo o apoio.

Enfim, agradeço ao Mistério que nos envolve e nos impulsiona a superar todos os obstáculos em vista do Reino.

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar o processo mistagógico cristão na modernidade. Este ‘processo’ delinea-se como um caminho que conduz o cristão, de modo dinâmico e vivencial, à comunhão com Cristo e com os irmãos, tanto na comunidade eclesial como também na comunidade humana. Para este objetivo, procurar-se-á analisar panoramicamente a atual cultura moderna e pós-moderna, verificando alguns desafios peculiares à vida cristã como também à iniciação cristã. Posteriormente, retomar-se-á, dentre as inúmeras e possíveis fontes do cristianismo, tendo a Sagrada Escritura como a principal, outras que julgamos fundamentais, apresentando a originalidade e pertinência do itinerário mistagógico patrístico. Enfim, inspirados pelo ímpeto renovador do Concílio Vaticano II, salientaremos a necessária retomada da mistagogia como fator preponderante para a educação da fé nos tempos atuais, e que exige hoje uma abordagem mais experiencial e personalista, mais comunitária, como um reflexo próprio da mudança de época em que vivemos.

PALAVRAS CHAVES: catecumenato, educação simbólica, evangelização, mistagogia, modernidade.

RÉSUMÉ

Le présent travail a l'intention de présenter le processus mystagogique chrétien dans la modernité. Ce « processus » se présente comme un chemin qui mène le chrétien, de manière dynamique et expérientielle, à la communion et avec le Christ et avec les frères, et dans la communauté ecclésiale et dans la communauté humaine. Pour atteindre ce but, on cherchera à analyser, de façon panoramique, l'actuelle culture moderne et postmoderne, en vérifiant des défis propres à la vie chrétienne et aussi à l'initiation chrétienne. Par la suite on reprendra, parmi des nombreuses et possibles sources du christianisme, ayant l'Écriture Sainte comme la principale, d'autres que nous jugeons fondamentales, en présentant l'originalité et la pertinence de l'itinéraire mystagogique patristique. Enfin, inspiré par l'impulsion rénovateur du Concile Vatican II, nous mettrons l'accent sur la nécessité d'une reprise de la mystagogie comme élément prépondérant pour l'éducation de la foi à l'heure actuelle, qui nécessite une approche plus expérientielle et personaliste, comme un reflet propre au changement des temps dans lequel nous vivons.

Mots-clés: *catéchuménat, éducation symbolique, évangélisation, mystagogie, modernité.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: OS DESAFIOS DA MODERNIDADE AO PROCESSO MISTAGÓGICO CRISTÃO.....	11
1.1. A modernidade e suas interpelações ao caminho mistagógico cristão	11
1.2. A crise da iniciação cristã	12
1.3. A modernidade e suas implicações ético-antropológicas	14
1.4. A fragmentação do sujeito como desafio à mistagogia	16
1.5. A secularização: desmistificação do mistério	17
1.6. Em busca de uma mistagogia cristã diante do fundamentalismo religioso	20
CAPÍTULO II: O SENTIDO TEOLÓGICO-PEDAGÓGICO DA MISTAGOGIA.....	21
2.1. A mistagogia da experiência do Êxodo	22
2.2. Os Padres da Igreja e os desafios da evangelização	24
2.3. A mistagogia dos Padres da Igreja.....	25
2.4. <i>As Catequeses Mistagógicas</i>	28
2.5. A mistagogia como pedagogia da fé.....	36
2.6. O declínio do catecumenato na Idade Média.....	37
CAPÍTULO III: RESGATE DA MISTAGOGIA PARA A EVANGELIZAÇÃO ATUAL	39
3.1. O processo de renovação aberto pelos movimentos litúrgico e catequético.....	40
3.2. O resgate do catecumenato no Concílio Vaticano II	42
3.3. O anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos	45
3.4. A mistagogia e o resgate do simbólico como fonte de sentido.....	47
3.5. A relação entre catequese e liturgia para a educação da fé.....	50
3.6. A mistagogia como evento cristológico.....	53
3.7. Mistagogia e evangelização: a comunidade como lugar hermenêutico da fé.....	55
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar o processo mistagógico cristão com os desafios da cultura moderna enquanto propiciadores de uma verdadeira busca pelo sentido da fé. Esse ‘processo’ é compreendido como um caminho, um itinerário que conduz o cristão, de modo dinâmico e vivencial, à comunhão com Cristo e com os irmãos, tanto na comunidade eclesial como também na comunidade humana.

Buscar-se-á refletir o processo ou o itinerário mistagógico a partir de três capítulos. Procurar-se-á analisar panoramicamente a atual cultura moderna e pós-moderna, verificando alguns desafios peculiares à vida cristã, como também à iniciação cristã. Posteriormente, retomar-se-á, dentre as inúmeras e possíveis fontes do cristianismo, tendo a Sagrada Escritura como a principal, outras que julgamos fundamentais, apresentando a originalidade e pertinência do itinerário mistagógico patrístico. Enfim, salientaremos a necessária retomada da mistagogia como fator preponderante para a educação da fé nos tempos atuais, que exige hoje uma abordagem mais experiencial e personalista, mais comunitária, como um reflexo próprio da mudança de época em que vivemos.

O primeiro capítulo, “*Os desafios da modernidade ao processo mistagógico cristão*”, abordará algumas interpelações que a cultura e o pensamento moderno fazem à fé e à iniciação cristã a partir de seis temáticas: a modernidade e suas interpelações ao caminho mistagógico cristão; a crise da iniciação cristã; a modernidade e suas implicações ético-antropológicas; a fragmentação do sujeito como desafio à mistagogia; a secularização: desmistificação do mistério; e em busca de uma mistagogia cristã diante do fundamentalismo religioso.

O segundo capítulo, “*O sentido teológico-pedagógico da mistagogia*”, partirá de algumas perspectivas bíblico-teológicas que acenam ao processo mistagógico em suas fontes, apresentando seis vias: a mistagogia da experiência do Êxodo; os Padres da Igreja e os desafios da evangelização; a mistagogia dos Padres da Igreja; as Catequeses Mistagógicas; a mistagogia como pedagogia da fé; e o declínio do catecumenato na Idade Média.

O terceiro capítulo, “*Resgate da mistagogia para a evangelização atual*”, tratará da renovação propiciada pelo Concílio, apontando a importância do itinerário mistagógico para a educação da fé e a sua propagação, em sete eixos: o processo de renovação aberto pelos movimentos litúrgico e catequético; o resgate do catecumenato no Concílio Vaticano II; o anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos; a mistagogia e o resgate do simbólico

como fonte de sentido; a relação entre catequese e liturgia para a educação da fé; a mistagogia como evento cristológico; mistagogia e evangelização: a comunidade como lugar hermenêutico da fé.

Esses três capítulos querem acenar para a importância da mistagogia como um caminho iluminador para a transmissão da fé em tempos modernos, no qual a razão instrumental tende a desconfiar das experiências simbólicas e vivenciais, delineando um itinerário eclesial, no qual a comunidade deve ser mistagoga, conduzindo novos filhos ao mistério salvífico de Cristo.

CAPÍTULO I

OS DESAFIOS DA MODERNIDADE AO PROCESSO MISTAGÓGICO CRISTÃO

Estamos imersos em um momento histórico de profundas transformações, caracterizando uma mudança de época. Estas afetam os valores da pessoa, da família e a experiência religiosa. Por isso, neste capítulo apresentaremos alguns desafios referentes à iniciação cristã, tais como: a modernidade e as suas interpelações ao caminho mistagógico cristão; a crise da iniciação cristã; a modernidade e suas implicações ético-antropológicas; a fragmentação do sujeito como desafio à mistagogia; a secularização: desmistificação do mistério; e em busca de uma mistagogia cristã diante do fundamentalismo religioso.

1.1. A modernidade e suas interpelações ao caminho mistagógico cristão

Nossa sociedade vive uma realidade marcada por mudanças significativas e relevantes que afetam profundamente todos os campos de atividade da vida social, incluindo a religião. Vemos que o processo moderno trouxe novos desafios ao caminho mistagógico cristão, tais como o ocultamento do sentido divino da vida humana¹, o individualismo, a racionalidade instrumental².

Tais elementos estão interligados, pois a razão instrumental proporcionou a passagem de uma visão teocêntrica do mundo, onde crer era conatural, para uma perspectiva antropocêntrica, centrada na racionalidade do sujeito. Para Max Weber, o poder crescente dessa razão instrumental desumanizou a sociedade, a tal ponto de se falar em desencantamento do mundo³.

Hoje, já vivemos uma realidade que pode ser considerada como um desenvolvimento da modernidade, conhecida como pós-modernidade⁴. Esta manifesta-se principalmente em relação às duas ideias básicas da modernidade: o individualismo e a racionalidade instrumental. Encontramos nestas duas realidades um progresso exacerbado de certa ruptura com a

¹ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas, Edições CNBB, 2009, 35. (A partir daqui usaremos DAp.)

² Cf. Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e Ação Humana. Temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p.18.

³ Cf. MARDONES, José M. *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*. Bilbao: Editorial Sal Terrae, 1988.

⁴ Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e Ação Humana. Temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 19.

modernidade. Essa nova configuração é mais um desafio ao processo mistagógico que teve o seu início na fase anterior. A fé cristã, neste íterim, passa por mais uma necessária redescoberta do seu conteúdo e forma. Vemos que um processo mistagógico é imprescindível frente aos novos sujeitos que buscam sua identidade cristã nesse cenário.

Diante disso, há pessoas vivendo certa nostalgia de um passado remoto, desejosas do poderio de uma Igreja triunfante que seja capaz de conquistar muitos para a verdadeira fé. Outras, no entanto, buscam um diálogo ousado e aberto que considere as grandes mudanças de mentalidade. Frente a essa constatação, torna-se necessário repropor o processo mistagógico, enaltecendo seu conteúdo cristocêntrico, mediante um contínuo discernimento do seu entorno.

1.2. A crise da iniciação cristã

Não estamos mais inseridos em um modelo eclesial marcado pela segurança da cristandade. Pelo contrário, estamos mergulhados em uma sociedade laica e secular, na qual se questiona tudo aquilo que é apresentado como único e verdadeiro. A experiência de fé do homem moderno e pós-moderno está mais centrada na sua livre adesão a Deus que a um processo eclesial preestabelecido.

Observa-se uma crise na transmissão da fé advinda dos diversos fatores presentes na modernidade e no novo paradigma pós-moderno. Enquanto que, na Idade Média, a fé era transmitida no seio familiar, através de pais e padrinhos que assumiam no Batismo o compromisso dessa educação⁵; com o mundo moderno e seus desdobramentos, averigua-se a difícil transmissão da fé.

Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Isso afeta, inclusive, esse núcleo mais profundo de cada cultura, constituído pela experiência religiosa, que se torna agora igualmente difícil de ser transmitido através da educação e da beleza das expressões culturais, alcançando inclusive a própria família que, como lugar do diálogo e da solidariedade inter-geracional, havia sido um dos veículos mais importantes da transmissão da fé. Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se também na intimidade do lar. Ao lado da sabedoria das tradições, localizam-se agora, em competição, a informação de último minuto, a distração, o entretenimento, as imagens dos vencedores que souberam usar a seu favor as ferramentas tecnológicas e as expectativas de prestígio e estima social⁶.

⁵ Cf. LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 33.

⁶ DAp., 39.

O Documento de Aparecida aponta que nossa sociedade vive hodiernamente uma realidade marcada por mudanças significativas, que afetam profundamente os grupos sociais, inclusive a família. Hoje, apesar de todas as técnicas de transmissão, percebemos uma enorme dificuldade para transmitir a cultura, os valores em geral e a mensagem evangélica. Com os contínuos avanços no vasto campo científico, as pessoas não são mais marcadas pelo ritmo biológico, mas pelo ritmo tecnológico. Assim, não há mais conceitos fixos, tudo se liquefaz⁷. Com a globalização, através dos meios de comunicação, essas mudanças tiveram um alcance planetário, de modo que vemos um multiculturalismo. O que era apresentado pela Igreja e pela família como caminho seguro de uma autêntica vida cristã hoje é questionado.

Essas rápidas transformações atingiram a iniciação cristã como um todo, que parece não corresponder mais aos anseios humanos. Os caminhos propostos repousam sobre pressupostos culturais de outro momento histórico, em boa parte já ultrapassados, e centram-se exclusivamente na metodologia do catecismo de perguntas e respostas. A partir disso, averíguas-se certo descompasso entre teoria e prática, pois, nos últimos tempos pós-conciliares, muito se escreveu sobre a renovação catequética, mas muito do que foi teorizado não foi posto em prática.

A iniciação cristã não diz respeito a um grupo seletivo de catequistas, mas é algo que envolve o conjunto da vida eclesial. Por falta de compreensões como esta, muitos jovens, ao término do processo formativo catequético, deixam a Igreja e não aderem verdadeiramente à fé cristã, pois não chegam a ter contato com uma experiência vivencial da fé, pessoal e comunitária.

Portanto, constatamos uma crise no processo de iniciação cristã que se centra exclusivamente em uma metodologia de catecismo centrada no dogma, nas verdades da fé a serem transmitidas, mas que não toca a vida das pessoas. Ao mesmo tempo, percebe-se que a falta de amparo da comunidade eclesial na iniciação cristã contribui para esse distanciamento entre fé e vida. Por isso, vemos a urgência de repropormos um caminho mistagógico que seja capaz de, levando em conta os desafios atuais, conduzir a pessoa a vivenciar o mistério da salvação.

⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. São Paulo: Zahar, 2009, p. 9.

1.3. A modernidade e suas implicações ético-antropológicas

A modernidade pode ser vista como uma nova fase da civilização ocidental. Os historiadores, em geral, compreendem que o seu início encontra-se no século XV, embora as suas raízes remontam à Idade Média⁸. A afirmação dos valores modernos – razão, subjetividade e lei – deu-se de forma mais acentuada com o lento processo que culminou no Iluminismo⁹. Este contribuiu para uma mudança de paradigma, ou seja, de uma perspectiva teocêntrica passou-se a uma antropocêntrica, fortemente centrada na racionalidade do sujeito enquanto indivíduo.

Esse processo pode ser compreendido dentro da passagem de uma heteronomia medieval (leis deduzidas de um modelo de cristandade) para uma autonomia moderna. Dessa visão, a atual cultura contemporânea apregoa a centralidade do sujeito, acentuando certo individualismo, considerado como narcisista¹⁰. Essa nova configuração ético-antropológica moderna e pós-moderna tem seus impactos no processo mistagógico do cristão que visa à comunhão com Deus e com os irmãos em uma comunidade eclesial.

No cenário atual as pessoas possuem certa resistência às instituições e tradições que possam tolher suas liberdades. A modernidade é marcada por uma ruptura, mas também por uma inovação. Agostini constata que,

A modernidade tem como elemento central a afirmação de que o ser humano é *autônomo*, sujeito de si e da história. Busca, assim, marcar sua independência frente a toda independência que venha de fora (tradições, religiões, autoridades, forças da natureza...), ou seja, de toda *heteronomia*. Por isso, é revolucionária frente à sociedade tradicional, porque esta é marcada mais pelos padrões preestabelecidos, pelos papéis, ritos e cultos que cada um tem que desempenhar bem delimitados, por uma integração de todos ao *status quo* sem questionar nada; nela tudo estava praticamente previsto de antemão¹¹.

A crescente autonomia, que propiciou uma nova configuração antropológica na qual o ser humano afirma sua identidade independente das antigas tradições, desencadeou um processo que incide mais no indivíduo que nos laços comunitários e sociais. Esse horizonte

⁸Cf. LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Raízes da modernidade*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 29.

⁹ Caracteriza-se, sobretudo, “pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”. Segundo Kant, “O Iluminismo é a saída dos homens do estado de minoridade devido a eles mesmos”. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2007, p. 618.

¹⁰ Cf. LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005, pp. 166-171. Nestas páginas, o autor analisa o tema do narcisismo em relação ao emergente individualismo contemporâneo.

¹¹ AGOSTINI, Nilo. *Teologia Moral. O que você precisa viver e saber*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 23.

propicia tanto uma crítica aos excessos da moderna autonomia narcísica como também a possibilidade de repropor um novo impulso catequético ao processo mistagógico.

Vemos que o sujeito autônomo teve como motor de propulsão a racionalidade instrumental, que permitiu dominar e manipular a realidade de acordo com seus próprios interesses. Com isso, surgiu o método experimental que mudou o objeto da ciência. Do mundo da essência passou-se ao mundo científico-técnico que visa, através de experimentação repetível, analisar e medir matematicamente o objeto físico.

Essa perspectiva conduziu a uma concepção segundo a qual o mundo não é mais para ser contemplado, mas dominado, manipulado e instrumentalizado. Com a eclosão da Revolução Industrial, houve um crescimento na produção e distribuição dos bens de consumo. Esse fato fez emergir, através da linha de montagem, a produção em massa, propiciando um crescimento econômico e uma reviravolta na sociedade tradicional agrícola¹².

As transformações ocasionaram profundas mudanças na compreensão de ser humano. Rubio elenca algumas delas: 1. O império do mercado reflete-se na crescente comercialização das relações humanas. 2. O ser humano é visto como indivíduo autônomo e atomizado. 3. Em nome do progresso foi destruída a natureza e povos foram dominados. 4. Imperialismo e efeitos devastadores sobre a vida de povos colonizados ou neocolonizados. 5. Luta contra a natureza e maneira linear de considerar o tempo, em busca de progresso e de evolução. 6. A causalidade de tipo mecanicista e desvalorização da imaginação, do simbolismo e da fé em Deus. 7. Novo modo de produção-distribuição de riquezas e sua repercussão em uma nova configuração familiar: famílias de tamanho reduzido. 8. Modelo escolar a serviço do sistema de produção-distribuição¹³.

Esses processos de caráter ético trouxeram questionamentos ao processo mistagógico cristão, na medida em que geraram uma mudança na forma de vivenciar a fé em sua condição concreta. Com o êxodo para as cidades, as pessoas sofreram o impacto do novo contexto de trabalho marcado pela dedicação exclusiva e busca de segurança econômica. Essa nova forma de relação com o trabalho levou a uma carga de trabalho que relativizou os laços familiares que conduziam a uma maior solidariedade¹⁴. Dessa situação compreende-se o contexto de solidão e individualismo reinantes nas grandes cidades.

¹² Cf. RUBIO, Alfonso García Rubio. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001, pp. 25-26.

¹³ Cf. *Ibidem*. pp. 28-31.

¹⁴ Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e Ação Humana. Temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 19.

Portanto, percebe-se que estamos imersos em uma conjuntura de profundas e contínuas transformações que afetam o nosso modo de ser e de agir. Nesse cenário, faz-se necessário um constante discernimento para reconhecer os elementos positivos que contribuem para a plenitude do humano, rejeitando os excessos da moderna autonomia narcísica. Assim, teremos a possibilidade de repropor um novo impulso catequético ao processo mistagógico.

1.4. A fragmentação do sujeito como desafio à mistagogia

As contínuas transformações na sociedade caracterizam um processo de fragmentação que atinge o sujeito contemporâneo. Este se decepcionou com a pretensão a grandes sínteses e, na ausência de um projeto universal, refugia-se em sua subjetividade narcísica, ficando preso ao presente e ao prazer fugaz oferecido pela sociedade de consumo. Nessa perspectiva, a cultura atual desperta no ser humano desejos irrealizáveis, levando-o a confundir felicidade com bem-estar econômico e satisfação hedonista¹⁵. Percebe-se, então, que a pessoa humana encontra-se à deriva aos contínuos estímulos, sensações e informações¹⁶, de modo que se distancia das questões mais profundas, afastando-se da realidade misteriosa que a envolve.

Para Lipovetsky, não estamos mais diante de um indivíduo sólido, preenchido por conteúdos rígidos, mas sim um indivíduo flutuante, desestabilizado e aberto a experiências existenciais e combinações *à la carte*. Nessa concepção, a figura do Eu enquanto unidade sólida é fragmentada no desenvolvimento da modernidade. O indivíduo é fruto de um processo cuja base é episódica e em rede¹⁷.

Vemos nesse cenário de constantes e rápidas transformações, sobretudo tecnológicas, uma crise de identidade que contribuiu para a fragmentação do sujeito. O seu cotidiano foi invadido pela presença constante dos meios audiovisuais de comunicação, saturando-o de informações. A falta de disciplina e de discernimento para manusear esses meios trazem algumas consequências. Torna-se perceptível que a inteligência e a memória navegam velozmente pelos sites de modo que nada permanece, nada é retido. Diz Larrosa,

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre

¹⁵ DAp. 50.

¹⁶ Cf. MARDONES, José M. *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*. Bilbao: Sal e Terrae, p. 153.

¹⁷ Cf. LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole Ltda., 2005, p. 38.

acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio¹⁸.

Vivemos um tempo em que os acontecimentos se atropelam, sem finalidade própria. Baudrillard, sociólogo francês, diz que somos presas da força da inércia social. Uma multiplicação e saturação de intercâmbios que fazem mais densa a massa social, não permitindo que os acontecimentos se situem para além do imediato. Somos bombardeados por notícias que nos fazem perder o norte do que seja importante ou trivial. Essa aceleração não permite reflexão, não oferece o devido tempo para ver com distância crítica o fato. De modo que ocorre o sequestro do acontecimento. Baudrillard chamará isso de simulação, ou seja, vivemos a representação da realidade através da mídia, vivemos não o encontro real com a outra pessoa, mas com a versão midiática¹⁹.

Nessas circunstâncias, o ser humano tornou-se um consumidor compulsório, em busca de notícias, novidades, está permanentemente insatisfeito e inquieto, ou seja, está sempre excitado e por isso já se tornou incapaz de silêncio. Apresenta-se como alguém cada vez mais informado, mas que tem pouco conhecimento, pois este exige desaceleração, trabalho, e supera a tendência atual da hiperespecialização, da fragmentação, da separação, da compartimentação dos saberes, para desenvolver um pensamento transversal²⁰.

Os fatos mencionados atingem o modo de o ser humano se situar no mundo, afetando também a prática religiosa. A sociedade de consumo impõe a predominância do ter sobre o ser. O ser humano procura corresponder sua inquietude interior através de seu poder de compra e acaba se frustrando, entrando em crise.

Portanto, vemos que as circunstâncias da vida, com clara referência às condições materiais de tempo e do influxo do entorno social, levam o indivíduo a uma fragmentação que o distancia da realidade misteriosa universalizante que o envolve.

1.5. A secularização: desmistificação do mistério

¹⁸ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 22.

¹⁹ Cf. Cf. MARDONES, José M. *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*. Bilbao: Sal e Terrae, pp. 65, 66.

²⁰ Cf. MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil: 2000, p. 13.

Na modernidade, o homem movido pela razão instrumental, foi impelido a desconfiar do mistério orientando a sua identidade para si mesmo. O contexto racional moderno, alargando o sentido intelectual mediante uma racionalidade técnica, gerou um lento processo de desconstrução da verdade transmitida pela religião. Esse fenômeno amplo e complexo é denominado de secularização²¹. Sobre isso, aponta o teólogo dominicano francês Claude Geffré:

(...) A secularização significa que a religião se retira de todos os setores nos quais o homem adquire o conhecimento e, portanto, o domínio das realidades e dos problemas terrestres e humanos. Em consequência disso, o homem se pergunta para que Deus pode servir, temendo que a religião se oponha ao seu direito à autonomia²².

De modo avesso à Idade Média, o Deus que exercera papel fundamental na explicação dos acontecimentos do mundo foi sendo, ao longo dos séculos, execrado do pensamento no Ocidente, chegando ao ponto de alguns filósofos, como Friedrich Nietzsche, decretarem “a morte de Deus”. Assim, não tendo uma divindade para ditar “regras”, o ser humano sente-se autônomo, livre. Em consequência disso, podemos observar a grande relutância da sociedade moderna quanto à interferência das instituições religiosas na vida pública:

A modernidade não aceita a interferência da religião, o poder das igrejas no mundo político, público. É intolerável para a mentalidade moderna a religião regular, tutelar o conjunto das estruturas sociais. Os valores que regem a sociedade valem por eles mesmos, sem necessitar de uma referência à religião, à Transcendência. Nasceram de acordo social, consensual. A religião é questão pessoal, íntima. Torna-se objeto de livre adesão, já não sendo mais fato fundamental da natureza e da convivência social. É um dos dogmas da modernidade a separação da Igreja e do Estado²³.

A sociedade moderna, centrada na mentalidade tecnocientífica, vive a rejeição de toda forma do sagrado histórico. Em muitos países os símbolos religiosos foram proibidos dos meios públicos. Com isso, cada vez mais a religião se torna algo privado, sem relevância social. O sociólogo Durkheim atesta isso quando diz:

Se há uma verdade que a história confirmou é que a religião abarca uma porção cada vez menor da vida social. Na origem, estende-se a tudo: tudo o que é social é religioso; as duas palavras são sinônimas. Depois, pouco a pouco, as funções políticas, econômicas, científicas se libertam da função religiosa, constituem-se à parte e assumem um caráter temporal cada vez mais preponderante. Deus, se é possível exprimir-se assim, que estava em primeiro lugar presente a todas as relações humanas,

²¹ Cf. CASEL, Odel. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, pp. 18-19.

²² GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje*. Hermenêutica teológica. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 210.

²³ LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 140.

delas se retira progressivamente; ele abandona o mundo aos homens e a suas disputas. Ao menos, se ele continua a dominá-los, é de cima e de longe (...)»²⁴.

Notamos que a religião tem perdido espaço no âmbito social; encontra-se desamparada diante de um poder político e econômico que no passado a respaldava e lhe dava visibilidade na cultura. Desde os inícios da modernidade, com as descobertas científicas, muitas das verdades religiosas passaram a ser questionadas pela nova verdade que a ciência e a técnica produziam. O sentido de Deus e a experiência religiosa entraram em um lento processo de crise que gerou a busca por ressignificações. Hoje, diante da nova sensibilidade, retoma-se uma visão mais humana e evangélica que leva a Igreja a repropor a fé, não em um eterno combate com a cultura moderna, mas em um retorno do essencial a ser anunciado e vivido²⁵.

O Papa Francisco tem nos alertado sobre a crise do antropocentrismo moderno. O homem, em vez de sentir-se como colaborador de Deus, sendo um administrador responsável do universo, coloca-se no lugar de Deus, sentindo-se poderoso para manipular a realidade a seu bel prazer, sem se importar com as consequências.

Na carta encíclica *Laudato Si* (LS), o Papa percebe que por detrás de uma cultura excessivamente antropocêntrica, centrada única e exclusivamente no ser humano e não em Deus, gera-se uma vida desordenada²⁶, isto é, cumulada de falta de sentido. Francisco ainda, analisando a cultura moderna com seus excessos antropocêntricos, assim assevera,

(...) relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair em um estilo de vida que os leva a se agarrarem a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão²⁷.

Portanto, diante do impacto da moderna secularização, percebemos quão necessária é a renovação de uma atualizada mistagogia de inspiração cristã e eclesial que repropõe o sentido do mistério diante da aguda desmistificação sob a forma instrumental que permeia o mundo. Nota-se que necessitamos ainda desenvolver uma pedagogia catequética que integre as particularidades e sensibilidades do cristão em meio às fragmentações e relativismos.

²⁴ DURKHEIM, Émile. *De la division du travail social*. Paris: Alcan, 1922, p. 143, *apud* THEOBALD, Christoph. *A Revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 50.

²⁵ Cf. DAp., 44.

²⁶ Cf. FRANCISCO. *Laudato Si*. São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2015, p. 76.

²⁷ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2014, pp. 68, 69.

1.6. Em busca de uma mistagogia cristã diante do fundamentalismo religioso

A cultura moderna, emancipando-se a partir de certo paradoxo focado em uma racionalidade controladora, mas em contrapartida também de uma insegurança trazida pela desconfiança com a realidade sensível e afetiva, gerou tendências que têm seus reflexos na experiência religiosa. Dentre estas, enfatizamos: o fundamentalismo, o neoconservadorismo e a busca por uma espiritualidade sem um vínculo institucional.

O fundamentalismo surgiu por motivações religiosas, mas transformou-se em uma concepção de mundo, envolvendo dimensões políticas. Seu ideário radical, portanto, cruzou fronteiras e indica não somente uma concepção religiosa, mas uma concepção ideológica de cunho intolerante ou radical. O fundamentalismo,

Não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista²⁸.

Boff ajuda a perceber que esse fenômeno, com acentuações distintas em campos do saber humano, nega a possibilidade hermenêutica de admitir a pluralidade como condição de verdade. Para a pessoa fundamentalista, seu ponto de vista é absoluto, e quem pensa de outro modo é tido como inimigo da verdade. Nessa perspectiva, ocorre desprezo e até intolerância pelo outro que pensa diferente, podendo desencadear atos de desrespeito e violência.

Diante do impacto da pluralidade, fruto de um contexto globalizado, encontramos pessoas que, de forma insuficiente e reducionista, interpretam a realidade e a si mesmas não a partir da complexidade, mas de verdades que elas atribuem como absolutas.

Esse fundamentalismo pode ser instrumentalizado pelos ambientes sociais mais distintos, tais como: nos Estados Unidos, utilizam-se do fundamentalismo cristão; no Oriente Médio, a resistência militante utiliza-se do fundamentalismo muçumano; na Índia, o partido governamental se beneficiou do fundamentalismo hindu; Israel, por sua vez, utilizou-se do fundamentalismo judeu. Esse recurso conduz muitas vezes à violência, até mesmo de cunho terrorista²⁹.

Outra reação a esse ambiente de inseguranças no qual estamos inseridos é o neoconservadorismo. Este busca regressar aos princípios, práticas, costumes, crenças e sentido

²⁸ BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 25.

²⁹ Cf. NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 29, 30.

de identidade que forneciam grande segurança no passado. Na Igreja Católica, vemos movimentos integristas, que procuram rejeitar tudo o que é moderno, interpretando de forma a-histórica e reducionista fontes, textos e documentos do magistério, ignorando a interpretação e desdobramentos históricos. Por outro lado, encontramos no magistério pontifício posicionamentos antimodernistas, desde Pio IX, através do *Syllabus*, até Pio X, com sua encíclica *Pascendi dominici gregis*, condenando o modernismo³⁰.

Essa tendência neoconservadora atual que encontra sua fonte de inspiração em releituras acríticas desses posicionamentos antimodernistas, questiona e impele uma necessária busca por uma mistagogia que não se reduza à mera transmissão de doutrinas, mas seja inspiradora de uma verdadeira experiência que promova convicções de fé fundadas em Jesus Cristo.

Outra reação à moderna cultura é o paradoxal retorno por uma espiritualidade³¹. Na atual circunstância, essa procura poderia ser um refúgio entre outros; entretanto, de modo geral, torna-se perceptível que muitas pessoas estão realmente sedentas de espiritualidade. Procuram a experiência de Deus mais do que uma verdade formulada a partir de um dogma. Percebe-se que “a experiência do divino está tomando o lugar de teorias sobre ele”³².

Esse novo interesse por parte de muitas pessoas demonstra que o conhecimento objetivo em que a ciência insiste com razão não é o único que os seres humanos precisam. Busca-se uma experiência plena de mistério que preencha o vazio humano.

Portanto, perante os desafios postos pela modernidade à vida cristã, não basta buscar inspiração em uma forma de interpretar as experiências passadas transpondo-as acriticamente ao presente. Notamos que um itinerário mistagógico, coerente com a sensibilidade hodierna, deve ultrapassar modelos religiosos reducionistas – o fundamentalismo e o neoconservadorismo – para uma perspectiva de iniciação cristã que integre a busca de espiritualidade, e desse anseio voltar às fontes de inspiração cristã, propondo um itinerário catequético e pedagógico que possa iluminar a vida presente do cristão.

CAPÍTULO II

O SENTIDO TEOLÓGICO-PEDAGÓGICO DA MISTAGOGIA

³⁰ Cf. MATOS, Henrique C. J. *Caminhando pela história da igreja*. Belo Horizonte: Lutador, 1986. v. III, p. 137.

³¹ NOLAN, Albert. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 30.

³² COX, Harvey. *O futuro da fé*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 35.

Neste capítulo queremos retomar algumas perspectivas bíblico-teológicas que acenam ao processo mistagógico em suas fontes. Desenvolveremos esta reflexão a partir de cinco vias. Na primeira, destacando a mistagogia na ação de Deus com o povo de Israel. Na segunda, a partir da reflexão dos Santos Padres da Igreja. Na terceira, a partir das Catequeses Mistagógicas. Na quarta, destacando suas impostações pedagógicas e, na quinta, falando do declínio do catecumenato.

2.1. A mistagogia da experiência do Êxodo

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* nos recorda que os livros do Antigo Testamento, apesar de terem imperfeições, manifestam a verdadeira pedagogia divina³³. Neles encontramos o acontecimento fundante do povo de Israel: a saída do Egito. Evento que se tornou mistagógico, não só para os judeus como também para os cristãos, que, de modo prefigurado, enxergam na libertação do Egito o mistério da vida nova em Cristo.

No livro do Êxodo, vemos a narrativa da opressão dos hebreus em terras egípcias que é rompida pela escuta de Deus aos seus clamores. Para concretizar essa libertação, Deus chama Moisés e o envia (Ex 3, 1-6). Mas, sem nos atermos aos pormenores dos diálogos de Moisés com o Faraó, com o povo e com Deus, omitindo o episódio das dez pragas, vamos nos deter aos dois momentos basilares da libertação do povo: a última ceia dos filhos de Israel no Egito e a passagem do Mar Vermelho.

Na última ceia no Egito, o povo cumpriu o ritual e imolou um cordeiro, passando o seu sangue nos batentes das portas (Cf. Ex 12, 13). O sangue era sinal de pertença e de proteção, e, por isso, sinal de aliança. Pelo sangue do cordeiro, Israel demonstra que não pertence ao Faraó, de modo que, ao ver o sangue, o Senhor, em sua passagem para ferir os egípcios, saltou as casas assinaladas³⁴.

Mas o sangue também é sinal dado em prefiguração simbólica e por isso possui uma dinâmica atualizante, de modo que naquele momento ocorre a prefiguração da passagem do Mar Vermelho, ou seja, embora o povo de Israel esteja no Egito, pelo sinal do sangue declarando sua pertença ao Senhor, ele realmente já saiu de lá. Vemos, então, que a última ceia no Egito prefigura o futuro imediato: a passagem pelo Mar, que se configura como o evento

³³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições. Decretos. Declarações. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 1969, nº 15.

³⁴ Cf. GIRAUDO, Cesar. *Num só Corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 79-80.

por excelência de morte e ressurreição, de morte à servidão e renascimento à vida nova na terra que o Senhor dá³⁵.

Portanto, se o evento do Mar é o evento fundador de toda a economia vetero-testamentária, a última ceia no Egito é seu sinal profético. Mas, teologicamente a última ceia no Egito e a passagem do Mar constituem uma única intervenção salvífica.

Mesmo após ter passado pelo Mar, já em Mara (cf. Ex 15, 22-24), o povo de Israel, perante as dificuldades, murmura e recorda da ilusória prosperidade do Egito (Ex 16, 3), desejo de retornar ao Faraó. Por isso, para que o evento salvífico da passagem do Mar não caísse no esquecimento, surge com força a pergunta de fé, que, a partir das gerações do deserto, os pais não cessarão de fazer: “Como sair, ainda uma vez, da ‘casa da servidão’ e subtrair-se às mãos do Faraó que voltou a reinar sobre nós?”. É então que se acrescenta, ligado a Ex 12, 13, a mensagem do versículo seguinte: “esse dia será para vós como memorial” (Ex 12, 14).

Com isso, a ordem divina indica que o sinal do cordeiro pascal dado na véspera da passagem do Mar não esgota nessa ocasião suas potencialidades teológicas, as futuras gerações deverão retomar esse sinal como memorial de redenção. Desse modo, as futuras gerações, não fisicamente mas na fé, passarão o Mar.

Por isso, os judeus, na festa anual da páscoa, rememoram mistagógicamente os acontecimentos salvíficos da experiência do êxodo a partir de uma pergunta do filho mais jovem: “Que rito é este?” (Ex 12, 26). E o pai de família responde anunciando com Dt 26, 5ss os eventos do êxodo. Com isso,

Anunciando os eventos do êxodo ao Israel presente que é a comunidade familiar reunida sob sua presidência, o pai de família dá a conhecer aos presentes que cada um, pessoalmente, estava lá naquele instante. Com efeito, à margem do Mar não estavam só os pais que fisicamente passaram por ele, mas cada um dos que hoje compõem a comunidade pascal estava lá, prestes a descer às águas da vida para renascer para o serviço do Senhor³⁶.

Vemos que o Êxodo (passagem – “pescha”), devido à sua importância, se tornou um acontecimento litúrgico ritualizado, que oferece um itinerário pedagógico e mistagógico de acesso à experiência fundante da fé de Israel, de modo que não é uma simples lembrança, mas um memorial (em hebraico *zikarón*, em grego *anámnesis*), ou seja, trata-se de uma participação do fato lembrado. Quem participa da festa da Páscoa está vivendo a sua própria libertação³⁷.

³⁵ Cf. GIRAUDO, Cesar. *Num só Corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 80.

³⁶ Ibidem, p. 82.

³⁷ Cf. BUYST, Ione. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 78.

Portanto, todos os elementos da Páscoa procuram revelar a história, o passado, o presente e o futuro de um povo, que não só trilhou um caminho, mas o trilha ainda hoje. Essa experiência de saída, que exprime um caminho – será relida pela tradição cristã como um itinerário mistagógico de todo cristão no seguimento de Cristo que nos liberta e resgata do pecado. Assim como Deus por Moisés conduziu o povo em um contínuo, nós também, imersos no mistério de Cristo, adentramos lentamente na lógica da graça.

2.2. Os Padres da Igreja e os desafios da evangelização

Os Padres da Igreja em seus escritos e em suas catequeses mistagógicas desenvolveram a compreensão do grande evento pascal de Cristo, procurando fazer uma leitura tipológica do Antigo Testamento, especialmente do memorável evento do Êxodo do povo de Israel. Mas, antes de falarmos da mistagogia patrística, queremos situar os Santos Padres, destacando os principais obstáculos para a evangelização no contexto dos primeiros séculos do cristianismo, marcados por um extraordinário processo de expansão e de adaptação ao mundo greco-romano.

O grande expoente dessa expansão foi o apóstolo Paulo, possuidor de uma dialética nutrida pelo rabinismo e pelo helenismo. Depois de sua conversão ao cristianismo, Paulo teve grande atividade apostólica. Na segunda metade do século I, pregou o evangelho de Jesus Cristo através de cartas e viagens na vasta região do Império Romano³⁸. Continuando o projeto paulino, surgiram outros pensadores da Igreja primitiva, que foram denominados de Padres da Igreja³⁹.

O início da Patrística é definido como um período de passagem, na metade do século I, tendo como seu marco inicial o texto instrutivo da *Didaqué*. O fechamento desse período, no Ocidente, se deu com Gregório Magno ou Isidoro de Sevilha, no século VII; enquanto que no Oriente se deu com João Damasceno, no século VIII⁴⁰.

Nesses primeiros séculos de cristianismo, ao mesmo tempo em que a Igreja cresce e se desenvolve, se vê imersa em uma época de incertezas, que a ameaça por perseguições e heresias. Entre os séculos II e IV, os Padres da Igreja se confrontaram com correntes religiosas que passavam a influenciar os homens de seu tempo: a gnose e as religiões de Mistério.

³⁸ Cf. PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982, pp. 19-23.

³⁹ Entende-se por Padres da Igreja, autores que conservaram a tradição em seus escritos. Alguns critérios para distinguir um Padre da Igreja são: ortodoxia, santidade de vida, aprovação da Igreja, antiguidade (Cf. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2004, pp. 1308-1309).

⁴⁰ BOGAZ, Antônio; COUTO, Márcio; HASEN, João. *Patrística: caminhos da tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 25.

Concomitante, surgiram as doutrinas antitrinitárias, como a do sacerdote Ário, que negava a divindade de Cristo⁴¹.

A gnose pode ser delineada como uma espécie de conhecimento superior, que procurava respostas para os anseios humanos. Nas diversas correntes do pensamento gnóstico, podemos observar algumas perspectivas em comum, como uma visão negativa do corpo e de tudo que é material, a concepção de uma alma inferior e pecadora e de uma alma superior, celestial⁴². Um dualismo que contrariava as verdades da fé cristã, mas atraía grande número de pessoas que estavam em busca de responder suas questões existenciais.

No século II, portanto, a principal preocupação dos Padres será refutar o pensamento gnóstico. Irineu de Lião é considerado o primeiro teólogo a desenvolver em seus escritos uma resposta direta ao gnosticismo, tendo como motivação as considerações pastorais e práticas. No século III, vemos que, apesar da crise econômica e política do Império Romano, a Igreja continuava a se expandir. No século IV, com o surgimento e desenvolvimento das heresias, entre elas, a doutrina ariana, os fiéis experimentaram um período tenso⁴³.

As divergências doutrinárias e as diversas heresias levaram a Igreja, na busca de consolidar seus dogmas, a realizar os primeiros concílios. Começando por Niceia, 325, proclamando, contra o arianismo, a divindade do Filho e sua consubstancialidade com o Pai. Depois, em 381, o de Constantinopla, onde foi redigido o Símbolo Niceno-Constantinopolitano⁴⁴.

É nesse período dos primeiros séculos que a catequese patrística nasce e se desenvolve, dando continuidade à evangelização apostólica, tendo maior organização nos séculos III e IV, com um processo educativo-comunitário em preparação para a celebração sacramental e a sua compreensão.

2.3. A mistagogia dos Padres da Igreja

Na tradição litúrgica hebraica, como dissemos, o filho mais jovem pergunta ao pai de família que preside a Liturgia da páscoa: “que significa esse rito?”. Recordando o significado do rito pascal, se preserva o rito do constante perigo de perder a sua historicidade. Recordar de que a fé hebraica encontra-se nas ações cumpridas por Deus na história, impede que o rito se

⁴¹ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, pp. 100-101.

⁴² Cf. PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 33.

⁴³ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, pp. 102-105.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 105.

torne magia. Na Igreja antiga, os seus filhos mais jovens, os catecúmenos e os neófitos, faziam a mesma pergunta dos hebreus: “que significa esse rito?”. A resposta são as catequese mistagógicas dos Padres⁴⁵.

Essas catequese eram explicações teológicas do fato sacramental ou dos ritos litúrgicos. Tinham como principal preocupação conduzir os neófitos para o interior do mistério pascal de Cristo. As catequese mistagógicas estavam inseridas em um caminho catecumenal. Em geral,

O catecumenato tem início na metade do século II, como uma preparação adequada a fim de promover desde seu início uma vida cristã responsável e madura e, por outro lado, como fundamentação aos que ingressavam na fé cristã em um momento em que as perseguições exigiam convicção e firmeza no testemunho da fé⁴⁶.

O principal objetivo do catecumenato era o de ajudar os neófitos a se tornarem discípulos de Jesus, com todas as consequências que essa aderência poderia implicar. Sua estrutura nasceu em continuidade com a ação evangelizadora das comunidades apostólicas e de uma busca pastoral para melhor preparar os candidatos aos sacramentos da iniciação cristã.

Na *Tradição apostólica* de Hipólito de Roma, primeira metade do século III, já é visto um ritual praticamente completo da iniciação cristã, na qual consta, de início, um exame prévio, para avaliação dos candidatos acerca do motivo pelo qual se aproximavam da fé. Eis um testemunho:

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra, sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra⁴⁷.

Os candidatos, sendo admitidos, vivenciavam um período de catecumenato de três anos, que envolvia a catequese, a oração e a imposição da mão feita pelo catequista, podendo ser um clérigo ou leigo. Depois de uma verificação, ocorria a preparação próxima ao batismo. O catecúmeno passava a se chamar *electus* (eleito), recebia a imposição cotidiana da mão e um exorcismo. Finalmente, a iniciação sacramental se dava em diversos momentos, com o banho tomado pelos eleitos, na quinta-feira antes da Páscoa; depois, na sexta-feira, iniciava-se o jejum; após isso, no sábado, o bispo lhes impunha as mãos, exorcizando-os, soprava sobre seu rosto e

⁴⁵ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, pp. 28-29.

⁴⁶ COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 98.

⁴⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 46.

os persignava na testa, ouvidos e narinas. No decorrer da noite, se permanecia em vigília, orando e escutando a palavra de Deus⁴⁸.

Na vigília pascal celebrava-se o rito sacramental propriamente dito. Os batizados despojavam-se de suas vestes, o bispo consagrava os óleos do exorcismo e de ação de graças (correspondentes aos óleos dos catecúmenos e crisma). Cada um dos candidatos pronunciava a renúncia a Satanás e era ungido pelo sacerdote com o óleo do exorcismo. Após isso, ocorria o batismo com três imersões na água, professando a fé na Trindade. Na sequência, o sacerdote ungia o neófito com o óleo de ação de graças. Em seguida, após se apresentarem à comunidade com suas vestes brancas, já ocorriam os rituais feitos pelo bispo, com imposição das mãos, oração, unção com o óleo de ação de graças, sinal da cruz na testa e ósculo de paz no neófito. Por fim, rezavam com a comunidade e participavam da eucaristia. Nessa primeira participação da eucaristia, havia um rito particular: além do pão e do vinho, recebiam uma mistura de leite e mel, significando que abandonaram o Egito da escravidão para viver em uma terra que mana leite e mel⁴⁹. Após a celebração, tinha a catequese mistagógica, através da qual se explicava o sentido do que foi celebrado.

Esse longo processo, com a recepção do batismo, confirmação, eucaristia enquanto um todo unitário, demonstrava que o tornar-se cristão era entendido como conversão do mundo para entrar na Igreja. O iniciado vivenciava um caminho ritual unitário, simbólico e dinâmico, deslocava-se fisicamente da piscina batismal para o local da celebração eucarística.

Nos séculos IV e V, os ritos de iniciação não sofrem grandes mudanças, mas as catequese patrísticas sobre a iniciação cristã despertavam grande interesse por parte das pessoas. As mais conhecidas, no século IV, são as catequese mistagógicas de Ambrósio de Milão, de Cirilo de Jerusalém, de Teodoro de Mopsuéstia e de João Crisóstomo de Antioquia⁵⁰. Essa atração se dava pela linguagem mistagógica dos Padres, que procuravam explicar teologicamente os ritos celebrados, de modo que conduziam as pessoas ao aprofundamento e vivência da fé. Na verdade, segundo Mazza, o método mistagógico não era somente uma metodologia pastoral-litúrgica, mas uma verdadeira teologia dos primeiros tempos⁵¹.

Portanto, a mistagogia dos Padres estava inserida em um processo catecumenal e, além de ser um método, constituía a teologia dos primeiros séculos do cristianismo. O seu principal

⁴⁸ Cf. MANUAL DE LITURGIA III – CELAM. *A celebração do mistério pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal*. Paulus, 2005, pp. 27-28.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 28-29.

⁵⁰ Cf. MANUAL DE LITURGIA III – CELAM. *A celebração do mistério pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal*. Paulus, 2005, p. 29.

⁵¹ Cf. MAZZA, E. *La mistagogia: una teologia della liturgia in epoca patristica*. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988, pp. 6-7.

objetivo era levar os neófitos a fazerem a experiência do mistério celebrado, com uma rica explanação das leituras e dos símbolos encontrados no rito.

2.4. *As Catequeses Mistagógicas*

Através das catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja, que demonstram uma íntima e imprescindível relação entre catequese e liturgia, observamos o modo de como a Igreja, especialmente nos séculos III e IV, vivenciava o processo de iniciação cristã. O fascínio dessas catequeses, segundo Cantalamessa, “estava no fato de ela conter uma síntese entre verdade e experiência, entre conhecimento abstrato e conhecimento concreto, sensível”⁵².

Apresentaremos, de forma sucinta, as catequeses e propostas de Cirilo de Jerusalém e de Ambrósio de Milão, verdadeiras sínteses teológico-litúrgicas dos primeiros séculos.

Em suas Catequeses Mistagógicas, Cirilo tem a intenção de ajudar o fiel a experimentar a fé. Sua principal preocupação não está em transmitir verdades dogmáticas da fé. Evitava utilizar uma linguagem distante da realidade de seus ouvintes. No início de sua catequese, fala como se fosse um pai afetuoso e ansioso por revelar o grande mistério:

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais mais bem preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo⁵³.

A linguagem utilizada por Cirilo demonstra uma íntima relação com os seus interlocutores e ao mesmo tempo uma profundidade capaz de tocar os corações. Ele apresenta-se como um mistagogo, isto é, aquele que procura conduzir cada um pela mão, de modo que mergulhem no mistério do qual já são participantes pelo batismo.

Para falar sobre o batismo, Cirilo utiliza-se do método tipológico, que procura revelar a novidade de Cristo a partir de figuras do Antigo Testamento. Com isso, guia os ouvintes para o interior da história, proporcionando uma experiência vivencial do fato bíblico, de modo que cada um é inserido no diálogo de Deus com o seu povo, que constitui uma aliança, ou seja, um forte vínculo de amor.

⁵² CANTALAMESSA, Raniero. *O mistério da Páscoa*. Aparecida: Santuário, 2016, p. 86.

⁵³ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 20.

(...) É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios. (...) Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado⁵⁴.

A dimensão pascal do batismo, na qual estão subjacentes os conceitos de Antiga e Nova Aliança, apresenta Cristo como o novo Moisés, causa da libertação definitiva pelas águas da salvação. A imagem da passagem do antigo ao novo nos aponta para a situação vivenciada por aqueles que são imersos nas águas do batismo, tornando-se novas criaturas em Cristo, morrendo para o pecado e renascendo para uma vida nova⁵⁵.

Essa passagem da escravidão à libertação permeia os ritos da iniciação cristã. Em sua segunda catequese mistagógica, Cirilo fala sobre três etapas do rito batismal que representam os frutos do batismo: o despojamento das vestes, a unção do corpo, a recepção da nova veste e a imersão na piscina batismal. Três elementos que apontam para a remissão dos pecados, a adoção filial e a participação na Paixão e Morte de Cristo.

Diz ele: “logo que entrastes, despistes a túnica. E isso era imagem do despojamento do velho homem com suas obras”⁵⁶. Esse despojar-se nos remete ao primeiro homem no paraíso, através do batismo voltamos ao estado original, renunciamos o velho homem para nos configurarmos a Cristo: “Despidos estáveis, nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz”⁵⁷.

Depois de despido, o fiel fora ungido com o óleo exorcizado. Cirilo explica essa unção como uma força que afugenta o maligno. Com a unção sobre o corpo, dos pés à cabeça,

(...) vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. (...) Como a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queimam e expelem os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno⁵⁸.

⁵⁴ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógicas*. Petrópolis, Vozes, 1977, pp. 20-21.

⁵⁵ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 58.

⁵⁶ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógicas*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 25.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 25.

⁵⁸ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógicas*. Petrópolis, Vozes, 1977, pp. 25-26.

Pela oração, em comunhão com a Igreja celeste, o óleo é exorcizado, sendo instrumento e símbolo de libertação de todo o mal. Na sequência, o rito batismal conduz o fiel à piscina, onde se é sepultado com Cristo.

(...) fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo⁵⁹.

Cirilo emprega a expressão “conduzir pela mão” para falar da caminhada dos neófitos ao mistério de sua morte e ressurreição em Cristo. Essa caminhada até a piscina é a trajetória até o sepulcro. Fazendo a profissão de fé na Trindade, os fiéis foram imersos por três vezes na água, simbolizando o sepultamento de três dias de Cristo. A água simboliza paradoxalmente morte e vida, ou seja, as experiências do sepultamento e do novo nascimento.

Vejamos agora alguns comentários de Ambrósio que, assim como Cirilo, utiliza-se da leitura tipológica para transmitir o sentido dos sacramentos da iniciação cristã, de modo que através de imagens do Antigo Testamento nos aponta a realidade única e universal que é a salvação em Cristo.

O próprio Jesus, em sua vida terrena, serviu-se de sinais sagrados preexistentes para transmitir a seus apóstolos o grande mistério da salvação que se daria na cruz. Vemos que muito antes do batismo cristão já havia a prática de imersões na água por parte dos pagãos e dos judeus. O uso da água em rito religioso, significando purificação e vida, é algo recorrente em ritos de iniciação. No entanto, apesar de muitos batismos, há um só batismo, conforme a exclamação do apóstolo Paulo (Ef 4,5).

Ambrósio reconheceu que os ritos de abluções na água no paganismo e no judaísmo se mostram úteis, pois são figurativos, capazes de transmitir uma mensagem verdadeira. Por isso, ele usa de figuras do Antigo Testamento para falar do mistério salvífico de Cristo.

Existiria algo mais importante do que a travessia do mar pelo povo judeu, para exaltarmos nesta hora o Batismo? O confronto começa por aí: os judeus que atravessaram o mar morreram todos no deserto; aquele no entanto que atravessa esta fonte, isto é, que passa das coisas terrenas para as celestiais – afinal é uma passagem, por isso, páscoa, trânsito, quer dizer, trânsito de quem passa do pecado para a vida? Da culpa para a graça, da imundície para a santificação. O que passa por esta fonte – é certo – não morre, mas ressuscita⁶⁰.

⁵⁹ Ibidem, p. 26.

⁶⁰ AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 29.

Vemos na imagem da passagem pelo Mar Vermelho a libertação do povo de Israel. É uma vitória sobre o poder do mar, que, por um lado, mostra-se como poder destrutivo para o Egito, por outro, como poder de vida nova para os judeus. Libertação, vida nova, são palavras que exprimem o sentido do batismo, mas, diferente de uma libertação temporária, o batismo cristão faz passar das coisas terrenas para as celestiais. Enquanto que os judeus, após a travessia do mar, morreram, os que passam pela fonte batismal não morrem, ressuscitam. Sobre participar da morte de Cristo, Ambrósio disse:

Exclama (...) o apóstolo, como acabais de ouvir na leitura: *Quem quer que seja batizado é batizado na morte de Jesus*. O que significa na morte? Da mesma forma que o Cristo morreu, assim também tu deverias saborear a morte; da mesma forma que o Cristo morreu para o pecado e vive para Deus, também tu deverias ter morrido para as antigas atrações dos pecados, pelo Sacramento do Batismo, ressurgindo pela graça do Cristo. Trata-se de fato da morte, mas não da realidade da morte corporal, e sim da simbólica. Quando, pois, emerges, assumes uma semelhança com sua morte e sua sepultura, recebendo o sacramento daquela cruz, na qual o Cristo pendeu e na qual o corpo dele foi fixado pelos pregos. És, portanto, crucificado. Prendes-te ao Cristo. Prendes-te aos pregos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que o diabo daí não te possa arrancar. Que te sustentem os cravos do Cristo, dos quais a fraqueza da condição humana tenta desprender-te⁶¹.

Aquele que recebe o batismo participa da morte de Cristo. Não se trata de uma morte corporal, uma realidade física e sim de uma realidade simbólica. Os símbolos são extremamente importantes para o homem, que pode ser definido como um ser simbólico. O símbolo é uma realidade sensível que remete a algo diferente de si, mas com o qual está unido mediante uma relação objetiva⁶². Nesse caso relatado por Ambrósio, através do simbolismo da imersão na água, o homem se assemelha a Cristo, recebendo o sacramento que emana da cruz. Pelo batismo, o ser humano é pregado na cruz e, morrendo para o pecado, ressurge pela graça divina.

Por trás desses ritos e símbolos há uma mistagogia. Os sentidos captam a figura exterior dos mistérios, mas através do processo mistagógico e catequético é desvelado o que é decisivo, a graça. Ambrósio, ao fazer a homilia no tempo pascal, não hesitava em afirmar que o eleito, ao entrar no batistério, não deve considerar apenas o aspecto exterior, a água, o sacerdote, mas a graça que eles apontam⁶³.

Após a imersão na água, os fiéis recebiam o crisma, isto é, uma unção na cabeça, pois, conforme Salomão, o sentido do homem sábio reside em sua cabeça (cf. Ecl 2,14). Aí ocorre a regeneração, a passagem da morte para a vida. Conforme Atos dos Apóstolos, quando o Filho

⁶¹ Ibidem, pp.39-40.

⁶² Cf. BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja I*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 218.

⁶³ Cf. AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 72.

ressuscitou da morte, ouviu-se a voz do Pai: “És meu filho, hoje te gerei” (At 13, 33). Assim também ocorre no batismo, os que são imersos ressuscitam! Se a ressurreição de Cristo foi uma regeneração, a ressurreição da fonte batismal também o é. A água regenera para a graça, assim como ela proporcionou à árvore frutificar e aos animais nascerem. Com a graça, o cristão é capaz de enfrentar as correntezas do mundo. Ambrósio diz:

Imita aquele peixe que recebeu graça bem menor e que, no entanto, para ti mesmo constitui milagre: está ele no mar e movimenta-se sob as vagas; está ele no mar e nada por sobre as ondas. No mar agita-se a tempestade, ribombam as procelas, e assim mesmo o peixe nada sem afundar, porque tem o hábito de nadar. Tira a conclusão: o mundo é para ti este mar. Apresenta correntes diversas, ondas pesadas, tempestades terríveis. Assemelha-te ao peixe, para que não te afunde a onda do século⁶⁴.

Ambrósio evoca a figura do peixe que se encontra no mar e enfrenta a tempestade, enfrenta a força das ondas contrárias, pois tem o hábito de nadar. O simbolismo do peixe foi muito utilizado pelas primeiras gerações cristãs para dar a conhecer sua fé e não obstante ocultá-la dos perseguidores.

No século XVII, estudiosos associaram o nome grego para peixe (*ichtys*) com o acróstico IXOYZ (*Iesous Christos Theou Hyos Soter* – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador). Mas parece que o símbolo do peixe foi usado, pelas primeiras vezes, com referência aos evangelho de Mateus 4, 19, para indicar os cristãos batizados, e Lucas 5, 1-10, como referência à pesca miraculosa. A partir da segunda metade do século II, o batismo é representado em afrescos nas catacumbas pela imagem da pesca. Aos poucos, deduziu-se da figura do peixe o Cristo presente nas águas do batismo. Sendo Cristo o peixe, os cristãos foram chamados de peixinhos⁶⁵. Ambrósio, então, mistagógicamente, retoma esse simbolismo para transmitir que o cristão, assim como o peixe, deve enfrentar as intempéries do mar, ou seja, do mundo.

A missão do cristão é a de seguir os passos do mestre Jesus, lavando os pés uns dos outros. Era justamente esse gesto que ocorria na sequência do batismo. Após sair da fonte batismal e depois de ouvir uma leitura, o bispo, como Jesus, lavava os pés dos fiéis. A cena bíblica relata que Jesus lavou os pés de seus discípulos, mas quando chegou a vez de Pedro, este relutou, pois não havia percebido o alcance do mistério e por isso recusava o serviço. Perante essa atitude de Pedro, Jesus explica que se não lhe lavasse os pés, não teria parte com ele. Pedro, então, aceita e deseja ser lavado não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça⁶⁶. Diz Ambrósio,

⁶⁴ Ibidem, p. 41.

⁶⁵ Cf. DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS. São Paulo: Paulus, 1994, p. 283.

⁶⁶ AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p.42.

Respondeu-lhe o Senhor, porque falara das mãos e da cabeça: Aquele que tomou banho não precisa lavar-se de novo, basta que lave apenas os pés. Por que isto? Porque no Batismo se apaga toda culpa. Desaparece, pois, a falta. Acontece, porém, que Adão foi suplantado pelo diabo e o veneno lhe foi derramado por sobre os pés. Por isso tu lavas os pés, para que, naquela parte em que a serpente atraçou, apareça maior auxílio de salvação. Assim ela não poderá suplantarte para o futuro. Lavas, portanto, os pés, para lavares o veneno da serpente. O ato, aliás, contribui para a humildade. Desta sorte, não nos envergonharemos de realizar durante o mistério o que não deixamos de prestar como homenagem⁶⁷.

Nesse trecho, Ambrósio explica o motivo de se lavar os pés. Aquele que foi batizado não precisa lavar-se de novo, basta lavar os pés, pois o banho batismal perdoa os próprios pecados. Mas, através do simbolismo da serpente que atingiu com o seu veneno o pé de Adão, Ambrósio quer nos mostrar que lavar os pés é ser purificado da mancha original. Assim, percebemos que o lava-pés é um ato purificador por excelência e está em íntima ligação com o banho batismal, de modo que é um complemento de santificação para que o batizado tenha parte com Cristo (cf. Jo 13, 8). Tal gesto constitui-se também como gesto de humildade, tanto por parte de quem lava como por parte daquele que se deixa lavar. Por isso, tal prática nos recorda do serviço e do amor ao próximo, como prática primordial que Jesus quis transmitir a seus discípulos.

Segue-se então o selo espiritual, de que ouvistes falar hoje durante a leitura. É que falta ainda o aperfeiçoamento, após a descida à fonte. Dá-se ele na hora em que se infunde o Espírito Santo, quando o bispo invoca o espírito da sabedoria e inteligência, o espírito do conselho e da força, o espírito do conhecimento e da piedade, o espírito do santo temor que são como que as sete virtudes do Espírito⁶⁸.

Esse selo espiritual de que fala Ambrósio é um aperfeiçoamento dado na hora em que, por intermédio do bispo, se infunde o Espírito Santo. Com isso, recebem-se as sete virtudes do Espírito, são como que as virtudes cardeais, as mais importantes. Somente após essa infusão do Espírito é que se pode aproximar do altar, pois depois de trilhar esse caminho pedagógico, já é possível ver o que antes não se via. É o mistério do cego que passa a enxergar, como nos relata o evangelho de João: Jesus “cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: ‘Vai lavar-te na piscina de Siloé’. O cego foi, lavou-se e voltou vendo claro” (Jo 9, 6-7).

Considera também tu os olhos de teu coração. Vias as coisas corporais com os olhos corporais. Mas as coisas dos sacramentos não podias ainda vê-las com os olhos do coração. Por isso, quando fizeste tua inscrição, o Cristo tomou da massa e a passou

⁶⁷ Ibidem, p. 43.

⁶⁸ AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 43.

sobre teus olhos. Qual é o significado? Que tinhas de reconhecer o teu pecado, examinar a consciência, fazer penitência de tuas faltas, em suma, reconhecer a sorte da raça humana. Pois, embora não confesse o pecado aquele que vem ao Batismo, assim mesmo, pelo próprio fato de pedir o Batismo para ser justificado, quer dizer, de passar da culpa para a graça, faz uma confissão de todos os pecados⁶⁹.

Para que fosse capaz de deixar de ver com olhos corporais as coisas corporais e adentrar nas coisas do sacramento com os olhos do coração, foi necessário um processo que teve início com a inscrição, provavelmente no tempo da Quaresma. Pois, antes de tudo, aquele que almejava o Batismo deveria, examinando a consciência, reconhecer-se pecador e estar disposto a fazer penitência. Os que buscavam o Batismo, mesmo que não confessassem os pecados, já demonstravam o desejo de conversão; afinal, o Batismo proporciona a justificação, ou seja, a passagem da culpa para a vida da graça. Assim como o cego foi a Siloé, os que são iniciados também vão. Vão à fonte na qual se anuncia a Cruz de Cristo que redime os pecados de todos.

Após trilhar esse caminho pedagógico, os fiéis se aprofundam no mistério, de modo que ocorre uma libertação de tudo aquilo que o atrapalhava a enxergar. Pela fonte do Salvador, os olhos dos cegos se abrem, passando a ver a luz dos sacramentos. Desse modo, podem se aproximar do altar, pois já passaram pela primeira tenda que é o Batismo, agora devem passar pela segunda tenda, onde no Antigo Testamento se conservam o maná, o bastão re florido de Aarão e o altar dos perfumes.

Por que referir tal coisa? Para entenderdes que é na segunda tenda que vos introduziu o bispo – naquela em que o sumo sacerdote costumava entrar uma vez ao ano; isto é, no batistério, onde floresceu o bastão de Aarão. Antes, estava ele seco, depois floresceu. Também tu eras seco e começaste a re florescer na corrente da fonte. Havia secado pelos pecados. Havia secado pelos erros e pelas faltas, mas agora já começaste a produzir fruto, plantado que foste junto à corrente das águas.

A recordação de que o sacerdote costumava entrar frequentemente na primeira tenda e o sumo sacerdote uma vez ao ano na segunda tem por objetivo introduzir o sentido do rito, através do qual os neófitos fazem parte do povo sacerdotal e penetram no santuário para alimentar-se do pão descido do céu que está sobre o altar. Ambrósio procura ressaltar em sua exposição que os sinais cristãos preexistiram figurativamente no Antigo Testamento:

(...) Deus fez então chover dos céus o maná, em favor dos judeus que murmuravam. Em teu favor, no entanto, a figura destes sacramentos veio antes, a saber, no tempo do próprio Abraão, na hora em que ele reuniu 318 servidores e se foi, perseguindo os adversários e arrancando o sobrinho do cativo. Voltou, então, vitorioso. Correu-lhe ao encontro o sacerdote Melquisedec e ofereceu pão e vinho. Quem tinha pão e vinho?

⁶⁹ AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 45.

Abraão não os tinha. Mas quem os tinha então? Melquisedec; foi ele, portanto, o autor dos sacramentos⁷⁰.

Através dessas palavras, Ambrósio pretende explicar que os mistérios cristãos são mais antigos do que os judeus, remetem ao tempo do próprio Abraão, quando este voltou vitorioso e foi abençoado por Melquisedec, o rei de justiça, rei da paz. Ele, também sacerdote, oferece pão e vinho ao Deus Altíssimo e abençoa Abraão, o qual lhe entregou o dízimo do espólio de guerra (Cf. Hb 7, 1-3). O sacerdócio de Melquisedec é figura do sacerdócio de Cristo, não se prende a um sacerdócio hereditário. O pão e o vinho ofertados por tal personagem figuram o sacramento da eucaristia.

Em comparação aos sacrifícios judaicos, o sacrifício eucarístico é superior, pois quem oferta pão e vinho é Melquisedec e não Abraão. Se o primeiro é o autor dos sacramentos com relação ao segundo, Cristo, por sua vez, é autor dos sacramentos com relação a Melquisedec. Este é a figura, Cristo é a verdade. Ambrósio diz mais: “quem é o autor dos sacramentos, senão o Senhor Jesus? Foi do céu que vieram esses sacramentos, pois o desígnio todo vem do céu”⁷¹. Desse modo, o bispo de Milão expressa definitivamente que os mistérios cristãos são mais antigos e universais.

Os sacramentos vieram do desígnio divino. Foi um grande milagre Deus fazer chover do céu o maná em favor do povo. Se Deus criou o mundo e fez muitos milagres, inclusive o milagre do maná para os filhos de Israel, pode transformar o pão no Corpo e o vinho no Sangue de Cristo. Como Melquisedec, o sacerdote oferece pão e vinho, mas no vinho se coloca água. Qual o sentido mistagógico?

(...) Como o povo dos judeus tivesse sede e murmurasse por não encontrar água, Deus mandou a Moisés que tocasse o rochedo com o bastão. Tocou o rochedo e dele fez correr água em abundância, como diz o Apóstolo: *Beberam do rochedo, que vinha ao depois, o rochedo de fato era Cristo*. (...) Sê atento ao mistério: Moisés, quer dizer um profeta, com seu bastão, isto é, com a Palavra de Deus, significa o sacerdote, que, com a Palavra de Deus, toca o rochedo. Corre água. E o povo de Deus bebe. Assim, pois, o sacerdote toca o cálice, a água se movimenta no cálice, brota para a vida eterna. E o povo de Deus, que obteve a graça, bebe⁷².

Ambrósio vai explicando passo a passo a celebração da eucaristia. No trecho acima, procura oferecer o sentido de se colocar água no vinho, algo que não se encontra na oferta de Melquisedec. Primeiramente, ele traz a figura de Moisés que, por intermédio de Deus, tira água

⁷⁰ AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 48.

⁷¹ *Ibidem*, p. 49.

⁷² AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 55.

do rochedo para dar ao povo sedento. O sacerdote se assemelha a Moisés, com a Palavra de Deus toca o rochedo, do qual sai água e o povo bebe. Ambrósio também procura remeter à Paixão de Cristo, no momento em que um dos soldados lhe atinge o lado com a lança, de onde jorra água e sangue: “Água, para purificar. Sangue, para resgatar. Por que do lado? Para que a graça proviesse donde proveio a culpa. A culpa veio da mulher, a graça por Nosso Senhor Jesus Cristo”⁷³.

Através desses trechos extraídos das catequese de Cirilo e de Ambrósio, podemos observar que as catequese mistagógicas procuram desenvolver uma formação com base na Sagrada Escritura, na liturgia como mistagogia, no compromisso que emerge da mudança de vida, configurando-se em responsabilidade comunitária. Pois, como o próprio Cristo disse, “Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6, 56). Esse processo formativo constitui-se em verdadeira pedagogia da fé, que visa atingir os neófitos, que, através do Batismo, passaram da morte à vida, do pecado à graça. Contudo, é importante ressaltar que, na concepção patrística, a palavra neófitos não diz respeito somente aos recém-batizados, mas a todos os fiéis. Nesse sentido, a graça da fé e a conversão pessoal ao seguimento de Cristo pertencem a um processo dinâmico que envolve toda a vida⁷⁴. Portanto, todos os cristãos são protagonistas da mistagogia enquanto pedagogia da fé.

2.5. A mistagogia como pedagogia da fé

A mistagogia se funda sobre a experiência vivida da iniciação, cujas realidades eram devidamente aprofundadas pelas catequese e homilias dos Padres da Igreja. A mistagogia está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus, sua razão de ser é apontar para o mistério do qual a liturgia é a epifania⁷⁵. Entretanto, não se fixa somente na iniciação litúrgica, mas se configura como um caminho pedagógico para a vida inteira dos que se abrem à graça divina.

A mistagogia insere-se no tema da evangelização, ou seja, no processo de transmissão da fé e de sua relação com a experiência humana. Como nos transmite Paulo, a fé vem do ouvir.

⁷³ Ibidem, p. 56.

⁷⁴ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 79.

⁷⁵ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 17.

“(…) como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados?” (Rm 10, 14-15). Parafrazeando Paulo, poderíamos dizer: “como compreender se ninguém nos inicia?”.

Nas fontes antigas, a experiência mistagógica era preponderante para as pessoas mergulharem no mistério salvífico de Cristo. Contudo, esse mergulhar no mistério não significa explicar Deus, enquanto objeto do intelecto humano, mas entrar em comunhão com Ele através de uma experiência eclesial e ritual no mistério de Cristo.

(…) podemos dizer que a mistagogia instaura uma pedagogia própria e especial na evangelização, inspirada na pedagogia divina, atuando desde o momento da acolhida, como durante todo o processo de acompanhamento de uma pessoa que adere à fé cristã. É a pedagogia da fé com todos os elementos que esse processo implica: iniciação à fé, aprimoramento da oração, acolhida do Espírito, discernimento, conversão, experiência de vida nova e inserção numa comunidade cristã⁷⁶.

O interesse da mistagogia está em oferecer elementos que sejam capazes de introduzir e alimentar a pessoa na fé cristã, de modo que possibilite a ela uma experiência profunda, pessoal e ao mesmo tempo comunitária de Deus. Nesse sentido, a mistagogia pedagogicamente visa a abertura do ser humano ao transcendente, através da linguagem simbólica e da cultura bíblica, retomando a revelação divina da Antiga e Nova Aliança. A mistagogia, portanto, configura-se como caminho pedagógico permanente.

2.6. O declínio do catecumenato na Idade Média

Como vimos através das catequeses mistagógicas dos Padres, na Igreja antiga, liturgia e catequese andavam juntas e tinham a missão de iniciar as pessoas na fé cristã. Tudo se dava através de um clima mistagógico, no qual se verificava a comunhão entre espiritualidade, celebrações e ritos. Através de um caminho catecumenal, pedagogicamente, as pessoas eram imersas no mistério de Cristo e sua Igreja. Mas, com o passar do tempo, tudo isso foi se modificando.

O cristianismo, de religião perseguida passou a religião autorizada, em 313, com o Édito de Milão do imperador Constantino Magno. Em 380, com o Édito de Tessalônica de Teodósio Magno, se tornou religião do Estado, de modo que não demorou muito para a sociedade tornar-

⁷⁶ COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 81.

se cristã. E em uma sociedade cristã o catecumenato não se faz mais necessário. No lugar deste, generalizou-se o batismo de crianças, no século V⁷⁷.

Na Idade Média, com o ambiente de cristandade, o pensamento predominante em todas as áreas da civilização era o cristão. Por isso, não havia estruturas nem instituições de catequese. A fé era transmitida no seio das famílias, através do compromisso assumido pelos pais e padrinhos no momento do batismo. Assim, sem a estrutura do catecumenato, desaparece o processo mistagógico-litúrgico-orante, ficando somente a dimensão doutrinal, intelectual e noética da catequese, que se dava principalmente através da pregação⁷⁸.

Nessa época, no Oriente, a formação cristã contou com a grande contribuição do monaquismo, ao passo que no Ocidente com a pregação de grandes bispos. Gregório Magno foi quem mais influenciou essa prática pastoral da pregação, com sua *Regra Pastoral*. Também a nascente escolástica deu sua contribuição para a pregação e catequese, oferecendo profundas reflexões sobre a fé, com grandes nomes como Tomás de Aquino, Duns Scoto, Bernardo de Claraval e muitos outros que marcaram o século XIII⁷⁹.

As pessoas que tinham acesso às nascentes escolas, junto aos mosteiros e paróquias, aprendiam a ler os salmos e ajudar na missa. Também as universidades, nascidas no seio da Igreja, ofereciam sua contribuição à reflexão e, de certo modo, à educação da fé, dedicando-se ao conhecimento abstrato ordenado à glória de Deus⁸⁰.

Enfim, no período medieval, a iniciação cristã se dava por aquilo que podemos chamar de catecumenato social. Como a Igreja ocupava o centro de toda a realidade, as pessoas eram inseridas naturalmente na educação da fé, sem uma atividade pedagógica específica, mas principalmente pelos ensinamentos dos pais, pelas cerimônias eclesiais, com as pregações sobre o Credo, pelas artes e pelas devoções.

⁷⁷ Cf. LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 30-31.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 31.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 35.

⁸⁰ LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 36.

CAPÍTULO III

RESGATE DA MISTAGOGIA PARA A EVANGELIZAÇÃO ATUAL

Neste capítulo abordaremos a renovação aberta pelo Concílio, apontando a importância da mistagogia para a evangelização atual, ou seja, para a educação da fé e a sua propagação, por meio de sete temas-chaves: o processo de renovação aberto pelos movimentos litúrgico e catequético; o resgate do catecumenato no Concílio Vaticano II; o anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos; a mistagogia e o resgate do simbólico como fonte de sentido; a

relação entre catequese e liturgia para a educação da fé; a mistagogia como evento cristológico; mistagogia e evangelização: a comunidade como lugar hermenêutico da fé.

3.1. O processo de renovação aberto pelos movimentos litúrgico e catequético

O processo de renovação mistagógico e eclesial que vivemos hoje é fruto de um lento caminhar histórico precedido com o avanço de valores vividos e aprofundados pela idade moderna. Dentre esses, citamos a reforma protestante, a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, a contrarreforma protestante e a busca de afirmação doutrinal que culminou com a era de compilação de catecismos.

O Concílio de Trento (1545-1563), que buscou ao mesmo tempo a reforma da Igreja e fazer frente aos reformadores, ordenou a publicação de um catecismo, sendo Carlos Borromeu seu coordenador de redação. Com isso, de certo modo, voltou-se a procurar uma estrutura educativa a ser desenvolvida no âmbito da paróquia⁸¹. Nessa época, marcada pelo Barroco, vivia-se o triunfalismo da fé, com procissões pomposas, devoções populares, enquanto que a liturgia como tal era uniforme e distante da vida cotidiana das pessoas⁸². Será com o movimento litúrgico e catequético que veremos a busca de retorno ao essencial, isto é, a participação do fiel no Mistério Pascal de Cristo.

O final do século XIX já apontava importantes transformações que aconteceriam no século XX, em todos os âmbitos da Igreja nos estudos patrísticos, bíblicos, na teologia, na liturgia, na catequese e no ecumenismo. É o que se convencionou chamar de movimentos de renovação. Para compreendermos a retomada da mistagogia e do catecumentado, hoje realçados pela evangelização, convém fazer memória da gênese do movimento litúrgico que culminará na central importância do processo mistagógico para o cristão.

O movimento litúrgico contou com especial protagonismo dos monges beneditinos. No início, vemos a importância das posições do abade de Solesme, D. Próspero Guéranger, na França. Com ele, teve início o retorno à liturgia romana, destacando as riquezas espirituais e teológicas desta; para Guéranger, a liturgia é a oração da Igreja. D. Lamberto Beuadin, sacerdote operário que se tornou monge beneditino, na Bélgica, deu continuidade ao pensamento de Guéranger, dando um novo direcionamento para a pastoral litúrgica, agora nas paróquias, promovendo a participação dos batizados na liturgia⁸³.

⁸¹ Cf. LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 41.

⁸² Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 262.

⁸³ Cf. BOROBIO, Dionísio. *A celebração litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, pp. 126-129.

Vemos também a grande importância de Pio X, que em seu magistério deu especial atenção à liturgia, proporcionando a aproximação dos batizados com a comunhão eucarística. Ele, entusiasmado com a restauração do canto gregoriano, publicou em 1903 um moto-próprio *Tra le sollecitudini*, onde, a certa altura, afirma que o verdadeiro espírito cristão consiste na participação ativa dos fiéis nos sagrados mistérios⁸⁴. Portanto, tanto Pio X como Beauduin, foram importantes para que os fiéis tivessem consciência de que devem participar ativamente das celebrações litúrgicas⁸⁵, não sendo meros espectadores.

Após isso, o movimento litúrgico se expandiu a todo o mundo, especialmente na Alemanha e Áustria. No Brasil, o movimento teve seu início formal em 1933, a partir do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, com a atuação de seu abade D. Martinho Michler. Esse período foi marcado pela fundação do Centro de Pastoral Litúrgica de Paris (1944) e a Encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII (1947)⁸⁶.

Percebemos que esse movimento foi expressão de uma reviravolta cultural de uma época, tendo suas raízes nas aspirações do Iluminismo e na Reforma Protestante. Ele procurou, através de um trabalho pastoral, instruir os fiéis sobre a liturgia, convidando-os a participarem realmente de modo ativo, com consciência eclesial e litúrgica. Com isso, junto à Ação Católica, cresceu a valorização do laicato e foi sublinhado um novo conceito de Igreja, não mais compreendida como uma sociedade perfeita, mas como comunhão. Essa perspectiva será retomada e aprofundada no Concílio Vaticano II. A Igreja é, pois, “Corpo Místico de Cristo, a esposa de Cristo, a Mãe dos homens, a comunhão daqueles que estão em torno do altar para celebrar a Eucaristia”⁸⁷. Essa mudança de perspectiva, advinda desse movimento de renovação, aos poucos propiciou o surgimento de uma nova consciência eclesial, que teve como ideia central a participação dos fiéis, mediante o itinerário mistagógico batismal, no sacerdócio real de Cristo.

Um dos grandes nomes desse movimento de renovação foi o monge beneditino Odo Casel, que desenvolveu um conceito teológico-mistérico de liturgia. Foi através de seus estudos sobre os mistérios pagãos e sobre o conceito de culto ritual, tanto do Antigo como do Novo Testamento, que surgiu o conceito de Liturgia como Mistério do culto de Cristo na Igreja⁸⁸.

⁸⁴ Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 499.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, p. 134.

⁸⁶ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis, 2004, p. 269.

⁸⁷ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis, 2004, p. 269.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, p. 270.

Concomitante ao movimento litúrgico ocorreu o catequético, que na primeira metade do século XX foi um campo pastoral que mais influenciaria a renovação eclesial que antecedeu o Concílio Vaticano II. A renovação bíblica, teológica, patrística, litúrgica e ecumênica, assim como das ciências psicopedagógicas, contribuíram muito para a renovação catequética⁸⁹.

Esse movimento caminhou em três direções: o querigmático, caracterizado pelo retorno ao centro da Boa-Nova cristã, o Mistério Pascal; o antropológico-experiencial, que visava oferecer ao catequizando uma experiência vital dos mistérios da fé; e o profético-libertador, que buscou impulsionar o interesse pelas consequências sociopolíticas da vida cristã.

Nesse período, buscou-se desenvolver uma catequese com sentido mistagógico, destacando que a educação cristã, pela catequese, repercutisse na vida, de modo que fosse ressaltado o aspecto existencial da Palavra de Deus. A Ação Católica exerceu um papel importante nessa renovação catequética através de seu método ver, julgar e agir. Ressaltou-se não somente o aspecto espiritual como também a exigência da prática cristã no mundo.

Portanto, vemos que tanto o movimento litúrgico como o catequético procuraram enfatizar a íntima e inseparável relação entre fé e vida, de modo que os cristãos não fossem meros espectadores, mas sujeitos ativos no processo catequético e litúrgico. Buscava-se realçar que os cristãos participassem e vivessem o mistério salvífico de Cristo no contexto eclesial. Esses movimentos abriram caminhos, inclusive para a restauração do catecumenato que se daria no Concílio Vaticano II.

3.2. O resgate do catecumenato no Concílio Vaticano II

Os movimentos litúrgico e catequético, anteriores à convocação do Concílio Vaticano II, estiveram na base de uma renovação eclesial e mistagógica, deixando positivamente suas marcas até o atual caminho que estamos vivendo tanto a nível mundial como também nacional.

O Papa João XXIII anunciou o Concílio Ecumênico Vaticano II em janeiro de 1959, propondo uma renovação, um *aggiornamento*, com o propósito de abrir novas perspectivas para o futuro, buscando estabelecer o que é mais conveniente à fé, à prática religiosa e ao revigoramento das comunidades cristãs, especialmente a católica, nos tempos modernos. Esse Concílio, diferente de Niceia e dos demais concílios até o Vaticano I, não teve por objetivo combater inimigos da ortodoxia pregada e estabelecida pela cristandade, mas propagar o amor salvífico de Deus, recorrendo ao remédio da misericórdia em vez de usar as armas do castigo.

⁸⁹ Cf. LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 54.

O que se buscou, sem descuidar do patrimônio da verdade recebida no passado, foi estar atento ao presente e às novas formas de vida trazidas pela modernidade, a fim de que o evangelho alcance todos os homens e mulheres⁹⁰. Após a abertura do Concílio, que se deu em 11 de outubro de 1962, foram formadas as Comissões Conciliares, e logo a Comissão de Liturgia, com presidência do cardeal Larrona, sendo subdividida em 13 subcomissões.

O tema do catecumenato nos debates conciliares foi influenciado pela eclesiologia que se afirmava paulatinamente nas discussões em curso. Criava-se uma nova tendência, proveniente dos movimentos de renovação, de que a transmissão da fé deveria superar a mera apresentação doutrinal para uma vivência dos mistérios de Cristo, gerador de uma comunhão eclesial⁹¹. Essa perspectiva advinha também de uma visão sacramental e pastoral mais alargada. Nesse contexto,

A iniciação é feita não somente pelo batismo, como também pelo catecumenato, durante o qual o ser humano adulto é preparado para levar o estilo de vida cristã durante toda a sua vida (...). A iniciação parece algo mais amplo do que só a recepção do batismo, também depois da confirmação. Tal amplitude da noção de “iniciação cristã” deve ser da máxima importância. Sobretudo em nossos tempos, quando até os seres humanos batizados não estão suficientemente iniciados em toda a verdade da vida cristã⁹².

À luz dos Padres da Igreja e dos movimentos de renovação pré-conciliares, o Vaticano II soube discernir as necessidades apresentadas pelo contexto sociocultural à iniciação cristã, indicando por meio de uma ordenação a necessidade de se iniciar uma renovação do processo catecumenal. Diz o Concílio,

Restaura-se o catecumenato dos adultos dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário do lugar. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para a conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos⁹³.

O Concílio indica uma necessária restauração do catecumenato que foi uma recuperação dinâmica e pastoral proveniente dos movimentos de renovação. Com tal intuito, determina que se façam as modificações em “ambos os ritos do batismo de adultos, tanto o mais simples, como

⁹⁰ Cf. JOÃO XXIII. Discurso na abertura solene do Concílio: *Gaudet Mater Ecclesia*. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, pp. 27-35. Encontramos também uma análise desse discurso em: JOSAPHAT, Carlos. *Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 17.

⁹¹ Cf. ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na história*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 331.

⁹² LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 32.

⁹³ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições. Decretos. Declarações. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 1969, 64. (A partir daqui usaremos SC.)

o solene”⁹⁴, e do rito da confirmação, de modo que se torne visível “a íntima conexão deste Sacramento com toda a iniciação cristã”⁹⁵.

Observamos que o Concílio enfatiza a necessidade de integrar os três sacramentos da iniciação cristã, em condição de assimilação de elementos próprios de cada povo, desde que possam se articular com o rito cristão⁹⁶. Para Pierpaolo Caspani,

Nos documentos do Vaticano II, a linguagem da iniciação ocupa um espaço mais limitado e com um relevo bastante modesto. É significativo o fato de que, também só nesses poucos passos, tal linguagem não apareça unívoca: se por um lado, de fato, ela se refere à unidade constituída pelos três sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia, por outro amplia-se para compreender também o catecumenato, sem esquecer o seu uso em referência aos ritos praticados nas sociedades tradicionais dos países de missão⁹⁷.

O termo ‘iniciação’, frequentemente utilizado para se referir aos ritos tribais de ingresso à idade adulta, é utilizado no Concílio para falar da recepção dos três sacramentos. No entanto, como afirma Caspani, a palavra ‘iniciação’ não é usada de modo unívoco. Refere-se tanto à unidade dos três sacramentos (batismo, eucaristia, confirmação), vividos de maneira integrada no cristianismo primitivo, como ao caminho pedagógico do catecumenato e dos ritos praticados nas sociedades tradicionais dos países de missão.

Outro documento do Vaticano II, o decreto *Ad Gentes*, de modo preciso, define o que podemos entender por catecumenato: “(...) não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação de toda a vida cristã e um tirocínio de certa educação, com o fim de unir os discípulos com Cristo seu Mestre”⁹⁸. Percebemos que o Concílio, integrando de forma positiva as realidades terrestres, compreendeu a importância de um processo pedagógico do cristão moderno.

Notamos que o Vaticano II, por meio de dois documentos centrais (SC e AG) no que se refere ao itinerário mistagógico e catecumenal, assume tanto as ideias dos movimentos de renovação como também uma perspectiva positiva acerca da cultura, da vida e dos costumes dos povos. O Concílio indicou que o itinerário de transmissão da fé deveria proporcionar à pessoa um caminho de iniciação ao mistério da salvação.

⁹⁴ SC, 66.

⁹⁵ SC, 71.

⁹⁶ SC, 65.

⁹⁷ LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 35.

⁹⁸ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições. Decretos. Declarações. Decreto *Ad Gentes*. Petrópolis: Vozes, 1969, 14.

3.3. O anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos

Com o Vaticano II e a nova consciência de uma renovação do processo catecumenal, a Igreja, com os seus pastores, fiéis e teólogos, buscou a integração entre a realidade misteriosa de Cristo vivida nos sacramentos e a condição real dos cristãos a caminho de uma inserção eclesial.

Observou-se que a preparação para o batismo de adultos não estava inserida em um contexto litúrgico vivo e a celebração do sacramento acontecia de forma muito discreta, como se fosse uma prática que não devesse ser mostrada. Além disso, diferente da Igreja do Oriente, a latina conferia o sacramento sem a liturgia da palavra de Deus, e não era perceptível o vínculo entre batismo, crisma e eucaristia. Atento a isso, o Concílio encaminhou uma reforma litúrgica do ritual que restabelecesse o nexo entre os três sacramentos da iniciação cristã. Nesse processo, as conversões de adultos ocasionaram uma reação positiva, apontando para a necessidade de uma profunda revisão do ritual da iniciação cristã dos adultos⁹⁹.

Para atender tais demandas, a Sagrada Congregação para o Culto Divino elaborou o novo Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)¹⁰⁰, restabelecendo o catecumenato, com um itinerário junto ao ritual batismal. Nele encontramos a íntima e inseparável relação entre fé e vida, fazendo desdobrar uma teologia que encontrara sua força no anúncio querigmático e na mistagogia dos sacramentos.

Tendo em vista que não estamos inseridos mais em um contexto de cristandade, no qual a iniciação cristã era papel da família e da própria sociedade, e que vivenciamos uma mudança de época¹⁰¹, na qual a fé é posta à prova com a crise de valores, percebemos que o anúncio querigmático, ou seja, a proclamação do mistério salvífico de Cristo ocupa uma centralidade, não somente para os não cristãos, como também para aqueles que foram batizados, mas que no decorrer da vida acabaram se afastando da fé cristã.

Por isso, hoje mais do que batizar por tradição familiar, o indivíduo deve ser estimulado a construir sua própria identidade de fé a partir de um encontro pessoal com Jesus Cristo. O Documento de Aparecida, citando Bento XVI¹⁰², nos recorda de que ninguém se torna cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida.

⁹⁹ Cf. NOCENT, A. Iniciação Cristã. In *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 599.

¹⁰⁰ CNBB. Ritual da iniciação cristã de adultos. São Paulo: Paulus, 2001. (A partir daqui usaremos RICA). Em latim *Ordo Initiationis Christianae Adultorum* (OICA) 1972.

¹⁰¹ Cf. DAp., 44.

¹⁰² Cf. DAp, 243.

Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, “teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas”. Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo. Isso é o que se chama “catequese mistagógica”¹⁰³.

Essa constatação alude ao fato de que a formação cristã não deve se resumir a uma transmissão escolar onde se aprende somente conteúdos doutrinários, mas deve ser identificada por seu caráter experiencial do mistério salvífico de Cristo. Longe de abstrações e sentimentalismos, ela visa o crescimento no discipulado de Jesus por meio de um itinerário, no qual está incluído o tempo da mistagogia.

À luz dos Padres da Igreja, que destacavam a centralidade do anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos, o RICA pretende oferecer um caminho de inserção e amadurecimento da fé: inicia-se com o pré-catecumenato, caracterizado pelo primeiro anúncio (querigma: proclamação). Depois, o tempo do catecumenato, com a assinalação da cruz e a entrega da Bíblia. É um tempo fortemente catequético, quando se apresenta a história da salvação e a explicação do Símbolo Apostólico e do Pai-Nosso. Na sequência, acontece a celebração da inscrição do nome, momento no qual os catecúmenos considerados maduros se inscrevem para receber os sacramentos na Vigília Pascal. Após, temos o tempo da purificação e iluminação, que transcorre durante a Quaresma. É um tempo marcado pela oração mais intensa e pela penitência. A Vigília Pascal é considerada o ápice de todo o processo, quando os inscritos ou eleitos são configurados em Cristo por meio dos sacramentos. Depois desse percurso, chega-se ao tempo da mistagogia, momento próprio para se aprofundar na experiência proporcionada pelos sacramentos recebidos e mergulhar no mistério de Cristo. Por isso, o Tempo Pascal é considerado o tempo da mistagogia¹⁰⁴.

O resgate de tal prática tem a finalidade de proporcionar aos fiéis um progresso no conhecimento mais profundo do mistério pascal e na sua vivência cada vez maior.

(...) obtém-se conhecimento mais completo e frutuoso dos “mistérios” através das novas explanações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos. Os neófitos foram renovados espiritualmente, saborearam mais intimamente a boa palavra de Deus, entraram em comunhão com o Espírito Santo e experimentaram quão suave é o

¹⁰³ DAp., 290.

¹⁰⁴ Cf. LELO, Antonio Francisco. *Catequese com estilo catecumenal*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 26.

Senhor. Dessa experiência, que todo cristão possui, e cresce pela prática da vida cristã, adquirem novo senso da fé, da Igreja e do mundo¹⁰⁵.

Esse tempo mistagógico apresentado pelo RICA visa o conhecimento processual dos “mistérios”, através dos símbolos e gestos celebrados. Configura-se como um tempo propício para experimentar os sinais simples e humanos da liturgia, não simplesmente como sinais indicativos da realidade, mas como antecipação simbólica do divino. A liturgia sacramental nos leva a participar do mistério que aos poucos vai transformando a nossa vida. Ela possibilita passarmos da materialidade dos ritos para seu sentido simbólico, ou seja, seu mistério, àquela realidade que se esconde nos ritos.

Na teologia dos Padres, observamos que a mistagogia é apresentada como liturgia sacramental e sua explicação teológica. Através das catequeses mistagógicas, notamos que o primado da experiência litúrgico-sacramental é o eixo potencializador da formação dos fiéis. Nessa experiência, estão as condições da própria dinâmica da Revelação: “a iniciativa de Deus, a ação sacramental, a configuração em Cristo Jesus, a revisão e mudança de vida, o testemunho e o compromisso comunitário-ecclesial”¹⁰⁶.

Constatamos a importância desses dois eixos que balizam o caminho catecumenal. O anúncio querigmático e a mistagogia nos apontam para a centralidade da fé cristã, o encontro com Jesus Cristo vivo, os quais podemos vivenciar através dos sinais e símbolos celebrados na liturgia.

3.4. A mistagogia e o resgate do simbólico como fonte de sentido

A tarefa específica da mistagogia é conduzir a pessoa ao mistério. A mistagogia no contexto patrístico conseguiu desenvolver uma pedagogia eficiente, construindo uma íntima relação entre os ritos, o mistério escondido na realidade da vida e a vivência daquilo que se celebra. O Concílio Vaticano II procurou resgatar essa dimensão mistagógica que conduziu a uma experiência de Deus. Esse resgate foi muito importante, pois na modernidade ocorreu a desvalorização da imaginação e do simbolismo, que, agora, estão sendo retomados.

O atual contexto cultural marcado por certa crise da racionalidade instrumental, desmistifica o limite da linguagem racionalizante em detrimento da simbólica. A evangelização a partir da sensibilidade de Paulo VI pontuava que o homem encontra-se cansado de ouvir, pois

¹⁰⁵ RICA, 38.

¹⁰⁶ COSTA, Rosemary Fernandes. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 108.

está como que imunizado contra a palavra¹⁰⁷. Isto não significa que a palavra não tenha sua validade. A pregação verbal permanece sempre como algo indispensável. Continua ainda atual o axioma paulino de que “a fé vem da pregação” (Rm 10, 17). No entanto, cabe ressaltar a importância do universo simbólico para encontrar o sentido do transcendente.

A liturgia valoriza esses dois elementos: palavra e símbolo. Mas percebemos que “a palavra exige esforço; é preciso escutar com atenção, pensar, refletir e meditar”, enquanto que com o símbolo, a imagem, ocorre o inverso, “fascina, deslumbra; não exige esforço mental: é a imaginação que trabalha e assimila (...) automaticamente”¹⁰⁸. Isso acontece porque a linguagem simbólica é mais intuitiva, afetiva e poética. Para Borobio,

O símbolo é, antes de tudo, uma realidade sensível que remete; remete a algo diferente de si mas com o qual está unido mediante uma relação objetiva que eu não projeto nem crio, mas com o qual me encontro (ao contrário do que ocorre com o sinal, sempre convencional). Esse algo distinto é, quanto ao mais, um tipo de realidade a que não temos acesso senão através da mediação simbólica¹⁰⁹.

O símbolo é uma realidade sensível que nos remete a algo, ou seja, é revelador de uma dimensão do real que não se pode ver à primeira vista. Para o filósofo francês Paul Ricoeur, o símbolo tem como característica ser duplamente intencional, possui uma intenção primeira, literal, e uma intenção segunda, que é propriamente o sentido simbólico, que evoca uma multiplicidade de significados, produzindo mundo¹¹⁰. Por essa relação objetiva, o símbolo torna presente o simbolizado.

Se verificarmos a origem grega da palavra símbolo (*syn-bállo*), perceberemos que é composta pelo prefixo *syn* (com, junto) e o sufixo *ballo* (lançar, atirar), ou seja, símbolo significa lançar junto ou unir¹¹¹. Entre as diversas explicações para o seu significado, encontramos a que se refere à prática comercial da Grécia Antiga. As pessoas iam ao mercado para trocar produtos, mas, como nem sempre levavam os produtos, encontraram um modo de identificação através da quebra de um objeto em duas partes. Assim, cada uma ficava com uma parte e a levava para casa. Ao voltarem com o produto, juntavam as partes. Essa ação de separar e unir as duas partes identificava a negociação realizada, era o *sýmbolon*¹¹².

Cada uma das partes continha e revelava a outra. É isso que ocorre na linguagem simbólica, revela e comunica o mistério. Este, por sua transcendência, não pode ser apreendido,

¹⁰⁷ Cf. PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2009, nº 42.

¹⁰⁸ BUYST, Ione. Simbolização, aprendendo com os gestos cotidianos. In: *Revista de Liturgia* 157 (2000), p. 4.

¹⁰⁹ BOROBIO, Dionisio. *A celebração litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 218.

¹¹⁰ Cf. RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Lisboa: Edições 70, 2013, pp.30-31.

¹¹¹ BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis, 2004, p. 110.

¹¹² Cf. *Ibidem*, p. 111.

pois é inefável. No entanto, encontramos a sua marca nas realidades sensíveis da criação, como a terra, a água, o fogo, o ar, o próprio ser humano. Além dessas realidades naturais, também as artificiais ou artesanais (obras do homem) podem tornar-se símbolos do mistério. As obras artísticas podem nos remeter ao transcendente¹¹³.

Para Ricoeur, o símbolo nos remete à experiência do sagrado, pois é no mundo, nos elementos que o constituem, céu, sol, lua, água, vegetação, que o homem lê o sagrado. O símbolo, então, seria o que manifesta a ligação do homem com o todo. Nós nos expressamos ao expressar o mundo e exploramos a nossa própria sacralidade ao buscar decifrar este mundo¹¹⁴.

A linguagem simbólica, nesse sentido, nos remete ao sagrado. A mistagogia cristã tem a tarefa de predispor o ser humano mediante a experiência simbólica, de modo que o ajude a captar pela liturgia o sentido mais profundo da fé. Os símbolos visíveis, a água, a ceia, o óleo, a luz, remetem ao ato salvífico realizado em e por Cristo. O que os judeus fizeram, historicizando o pão sem fermento e o cordeiro imolado como símbolos pascais da libertação do Egito, os cristãos o fazem dando-lhes novos significados cristocêntricos¹¹⁵.

Os símbolos são fonte de sentido. Se olharmos para a nossa vida familiar, perceberemos que está repleta de sinais que deixaram de ser simples elementos comuns para transformarem-se em símbolos carregados de lembranças. Às vezes guardamos um objeto que nos remete à pessoa querida, de modo que esse objeto deixa de ser simples objeto para ser símbolo, tornando presente a realidade ausente. Somos, então, capazes de ler e interpretar simples sinais como símbolos, de modo que no efêmero podemos ler o permanente; no temporal, o Eterno; no mundo, Deus¹¹⁶. Na liturgia cristã os símbolos nos remetem ao ato salvífico de Cristo. O mistério se apresenta de forma acessível aos nossos sentidos. Do visível passamos ao invisível, de modo que água, luz, pão e vinho, tornam-se água viva, luz do mundo, pão do céu para a vida eterna¹¹⁷.

Portanto, percebemos a importância, hoje mais do que outrora, de se desenvolver uma educação para compreender os símbolos, através da qual se é imerso no horizonte bíblico e na continuidade do simbolismo na Igreja, na liturgia, ressaltando seu caráter histórico-salvífico. Na verdade, se faz necessário o desenvolvimento de uma educação da fé que não se restrinja ao

¹¹³ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 219.

¹¹⁴ Cf. RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Lisboa: Edições 70, 2013, pp. 27-30.

¹¹⁵ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração litúrgica*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 220.

¹¹⁶ Cf. BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 9.

¹¹⁷ Cf. LELO, Antonio Francisco. *Mistagogia: participação no mistério da fé*. In: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, 257 (2005), pp. 64-81.

aspecto cognitivo e especulativo, mas que se abra à experiência do simbólico. Vemos a importância de integrar a catequese e a liturgia.

3.5. A relação entre catequese e liturgia para a educação da fé

No atual contexto cultural, de rápidas transformações, nota-se a importância de se desenvolver uma educação da fé que seja capaz de transmitir não somente informações doutrinárias, mas, sobretudo, proporcionar o encontro e o aprofundamento da relação com Jesus Cristo. Para isso, destacamos a necessidade de repropor a formação cristã em um caminho catequético, litúrgico-mistagógico.

O caminho catecumenal manifestou essa demanda iniciática, contudo ainda urge superar certa metodologia catequética na forma de perguntas e respostas, para um caminho formativo marcado pelo aspecto vivencial da fé. Esse desafio se insere “nos limites estruturais de um equivocado modelo educativo”. Com diz Grillo,

Em seu grande romance *Hard Times* (Tempos Difíceis), Charles Dickens nos oferece uma preciosa chave para interpretar, também, estes “nossos tempos”, civis e eclesiais. A “dificuldade” dos tempos reside, essencialmente – para ele e para nós – nos limites estruturais de um equivocado modelo educativo. Um modelo pedagógico que gera seres humanos sem paixões, sem afeto, sem corpo, e sem emoções. Um modelo apenas mental e calculista. Um modelo desumano de ser humano¹¹⁸.

No processo educativo, muitas vezes deu-se ênfase excessiva ao aspecto cognitivo, esquecendo-se de outras dimensões do ser humano. O mesmo ocorre na educação cristã, quando esta se centra quase que exclusivamente nas verdades da fé, sem se preocupar com o aspecto vivencial. Contudo, isso não significa ignorar a importância e validade do ensino doutrinário, imprescindível no diálogo evangelizador, ainda mais em nosso ambiente plural, mas significa apontar a real necessidade de oferecer uma educação catequética e ritual guiada pela mistagogia, para que as novas gerações saibam viver o que professam.

Hoje, torna-se fundamental estabelecer processos de amadurecimento da fé através dos quais o cristão possa adquirir convicções e estabelecer valores norteadores para sua existência¹¹⁹. Nesse sentido, o caminho catecumenal que o RICA nos apresenta é muito rico, pois nos mostra um processo progressivo que visa o aprofundamento da fé a fim de tornar-nos

¹¹⁸ GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: CNBB, 2017, p. 13.

¹¹⁹ Cf. LELO, Antonio Francisco. *Pedagogia catecumenal: moda ou herança?* In: *Revista de Cultura Teológica* 66 (2009), p. 116. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15494/11573>.

discípulos. O ritual nos ajuda a ter um olhar integral entre catequese e liturgia como na época dos Padres da Igreja. O Concílio Vaticano II, de certo modo, já assinalava isso na declaração *Gravissimum Educationis*:

No cumprimento de sua tarefa educacional, a Igreja se interessa por todos os subsídios aptos. Mas cuida sobretudo dos que lhe são próprios. Entre estes figura, em primeiro lugar, a formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico e desperta para a atividade apostólica¹²⁰.

A formação catequética é considerada o primeiro subsídio da tarefa educacional da Igreja, pois ela possui quatro importantes perspectivas: 1) fortalecer o conhecimento da fé, 2) fundamentar as atitudes morais cristãs com o “espírito de Cristo”, 3) conduzir o fiel à participação ativa da liturgia e 4) despertar para a missão. Elas querem conduzir o fiel à participação ativa no mistério litúrgico, algo fundamental para a espiritualidade cristã, que é alimentada pelo Tempo Litúrgico.

Com a restauração do catecumenato, essa relação tendeu a ser mais perceptiva. Entretanto, na prática, ainda há um certo distanciamento entre catequese e liturgia. Se queremos levar a sério o RICA, teremos de aproximar mais a catequese e a liturgia na pastoral. É necessário reconhecer o valor antropológico e teológico da liturgia. Como diz Sartore,

Hoje, as ciências humanas têm principalmente evidenciado a função da experiência simbólico-ritual na vida humana, mas é sobretudo o papel da liturgia na história da salvação e na vida da Igreja que determina o seu significado para a catequese (...). O valor insubstituível da liturgia para a catequese, como para a reflexão teológica, depende da condição sacramental da Igreja, pelo fato de que ela se constrói de maneira mais existencial onde a comunidade celebra a liturgia. A realidade eclesial parece de modo mais visível na liturgia, cume e fonte da vida da Igreja¹²¹.

Essa perspectiva alude a três características da liturgia. Primeira, a experiência simbólico-ritual que confere forma plena aos sentimentos e realiza a comunhão mais completa. Segunda, o papel da liturgia na história da salvação. A liturgia é a celebração memorial que permite nossa participação sacramental no mistério da morte e ressurreição de Cristo. Terceira, a visibilidade da realidade eclesial que transparece na liturgia.

Desse modo, a *Sacrosanctum Concilium* nos recorda da importância de conduzir os fiéis à experiência do mistério presente e atuante nas celebrações litúrgicas, quando diz: “Desejava

¹²⁰ COMPÊNDIO DO VATICANO II. CONSTITUIÇÕES, DECRETOS. Declaração Dogmática *Gravissimum Educationis*. Petrópolis: Vozes, 1969, 4.

¹²¹ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 130.

ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige”, pois “é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis hauram o espírito verdadeiramente cristão”¹²². Por isso, torna-se indispensável procurarmos sua aproximação com a catequese.

Como o próprio nome nos diz, catequizar (*catá-eckhén*) significa “fazer ressoar aos ouvidos”. A catequese visa, através do ensino e instrução, ressoar e aprofundar o anúncio querigmático, ou seja, ressoar que “Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação” (cf. At 25, 19; Gl 1, 2-4; 2, 16.19-21; 4, 5)¹²³. Em nossos dias, esse aprofundamento deve ser mistagógico, ou seja, mais simbólico, existencial e celebrativo, já que,

A pessoa, através das ações litúrgicas que atualizam os gestos salvadores de Cristo Jesus, presente em sua Igreja pelo Espírito Santo, entra em contato também “mística e simbolicamente (sacramentalmente)” com a ação salvadora de Deus. A mistagogia promove, de certo modo, a unidade entre o anúncio da Palavra, a celebração do Sacramento e a vivência da fé¹²⁴.

A catequese mistagógica conduz a pessoa a experienciar o mistério, de modo que os símbolos e gestos celebrados são, aos olhos da fé, como realidades divinas. Através do conhecimento simbólico do visível passamos ao invisível, ou seja, por meio de sinais sensíveis entramos em contato com a graça salvífica de Deus.

O *Directorio Nacional de Catequese* coloca a liturgia como uma importante fonte para a educação da fé, quando diz: “aquilo que não é celebrado não pode ser apreendido em sua profundidade e em seu significado para a vida”¹²⁵. A catequese, portanto, não pode negligenciar a expressão de fé pelo rito, pois através dele entramos em contato com o mistério salvífico de Cristo.

A liturgia é fonte inesgotável da catequese, pois é síntese e cume da vida cristã¹²⁶. Ela é ponto de partida e meta da educação cristã, embora não seja a única. Por suas disposições, configura-se como lugar privilegiado da fé, sendo importante tanto para a evangelização como para a reevangelização. As celebrações litúrgicas são momentos propícios para uma catequese permanente.

Bento XVI, em sua Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, falando da necessidade de uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem

¹²² SC, 14.

¹²³ Cf. LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 25-26.

¹²⁴ Ibidem, p. 102.

¹²⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Directorio nacional de catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006, 116.

¹²⁶ SC, 10.

pessoalmente o que se celebra, recomenda o retorno às catequese mistagógicas dos Padres da Igreja, recordando que na tradição cristã o caminho formativo do cristão assumia sempre um caráter de experiência, no que era determinante o encontro com Cristo anunciado por testemunhas¹²⁷. Assim, quem introduz a pessoa na fé e nos mistérios é primeiramente a testemunha; depois, esse encontro aprofunda-se na catequese e encontra a sua fonte e ápice na celebração da Eucaristia. Dessa parte a exigência de um caminho mistagógico, que deve conter três elementos: a) interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos; b) introdução no sentido dos sinais; e c) significado dos ritos para a vida cristã¹²⁸.

Esses são fundamentais para a educação cristã, ainda mais no atual contexto tecnológico de saturada informação, barulho e consumismo que distrai e faz com que percamos a capacidade de perceber o valor do silêncio, do simbólico e da vida comunitária.

Portanto, é urgente que busquemos, na prática, a interação entre catequese e liturgia, a fim de trilharmos um caminho de maturidade na fé, não só cognitivo-intelectual, mas vivencial, espiritual e mistagógico, onde as várias dimensões humanas sejam integradas. Buscar a integração entre catequese e liturgia é reconhecer que o ponto de encontro de ambas é o próprio Cristo, pois é Ele quem preside a assembleia litúrgica e se dá como Palavra e Pão da Vida. Ele é o mestre que ensina o caminho da verdade e da vida, o mistagogo que nos mostra o Pai.

3.6. A mistagogia como evento cristológico

Através dos Santos Padres, percebemos que a mistagogia visava conduzir as pessoas a viver o mistério de Cristo na vivência cotidiana. Na verdade, o mistério de Cristo ilumina o mistério humano¹²⁹. Essa é a experiência de fé judaico-cristã: “o homem conhece o nome de Deus, porque foi Deus que, gratuitamente, revelou seu nome ao homem”¹³⁰.

No cristianismo, a plenitude da revelação encontra-se em Jesus Cristo. Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, se define como anunciador do “mistério de Deus” (1 Cor 2,1). Em sua Carta aos Efésios, reconhece que foi por revelação que teve conhecimento do mistério (cEf 3,3). Este é para Paulo a vontade de Deus “recapitular tudo em Cristo” (Ef. 1, 10) e, por isso, o mistério é o próprio Cristo revelado em sua morte de Cruz¹³¹. Como Casel nos diz,

¹²⁷ Cf. BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 92.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 92.

¹²⁹ Cf. COMPÊNDIO DO VATICANO II. CONSTITUIÇÕES, DECRETOS. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 1969, 22.

¹³⁰ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 19.

¹³¹ Cf. *Ibidem*, p. 20.

São Paulo resume e condensa todo o cristianismo e todo “o Evangelho” na palavra *mysterium*. Para o apóstolo, esta expressão não significa tão somente um ensinamento escondido e misterioso das coisas divinas. Com efeito, este é o sentido que essa palavra recebeu só tardiamente, sob a influência da filosofia da baixa Antiguidade. Na linguagem paulina, *mysterium* significa, acima de tudo, *uma ação divina*, o cumprimento de um desejo eterno de Deus *por uma ação* que procede da eternidade de Deus, a qual se realiza no tempo e no mundo e tem seu fim último no próprio Eterno¹³².

A concepção paulina de mistério, recebida posteriormente pelos Padres da Igreja, não significa tão somente um ensinamento misterioso das coisas divinas, mas é uma catequese da ação divina revelada na história. Tanto em todo o Novo Testamento como também em Paulo não aparece a palavra mistagogia e nem mistagogo para se referir a Jesus¹³³.

Serão os Padres da Igreja que, além de utilizarem o termo mistagogia para se referir à iniciação aos mistérios cultuais (na liturgia), o aplicaram para indicar o ensinamento de Jesus e a pregação do Evangelho pelos Apóstolos. Para Gregório de Nissa, “Paulo inicia ao mistério (*mystagoghei*) o povo de Éfeso”. Em uma de suas pregações, João Crisóstomo afirma: “Pode-se ver Paulo fazer catequese e mistagogia até mesmo na prisão e em algemas”. Para Gregório Nazianzeno, Jesus é o mistagogo de seus discípulos¹³⁴. Já Clemente de Alexandria se refere a Cristo como Pedagogo, isto é, educador daqueles que, pelo batismo, já se tornaram filhos de Deus. A finalidade da pedagogia é instruir crianças, que, nas Escrituras, somos todos nós que precisamos ser educados no estudo e na prática da virtude, para alcançarmos a vida futura¹³⁵.

Os Padres, ao afirmarem que Jesus é mistagogo ou pedagogo, exprimem em categorias extrabíblicas a afirmação contida no prólogo do Evangelho de João: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (Jo 1, 18). Com o quarto evangelho, podemos dizer que Jesus é o “exegeta de Deus”. Tanto essa afirmação como a de pedagogo ou mistagogo, significa reconhecer nas palavras e ações de Jesus sua qualidade reveladora do mistério de Deus¹³⁶.

Segundo o evangelista Lucas, os textos das Escrituras não foram suficientes para suscitar a fé dos discípulos na ressurreição de Jesus, mas é o próprio Ressuscitado que abre a inteligência dos onze (cf. Lc 24, 45). Isso demonstra que nem as Escrituras nem os gestos de

¹³² CASEL, Odel. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009, pp. 21-22.

¹³³ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 20.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 22.

¹³⁵ Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O Pedagogo*. Campinas: Ecclesiae, 2013, p. 19.

¹³⁶ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 22.

Jesus são suficientes para suscitar a fé, mas o próprio Cristo Ressuscitado como exegeta do seu mistério escondido nas Escrituras¹³⁷.

Portanto, a concepção da mistagogia como evento cristológico é uma perspectiva fundamental que revela o dinamismo do mistério na vida do cristão. Isso significa que não basta só a nossa inteligência para compreender o mistério escondido e visível na liturgia, mas a revelação do próprio Deus por meio do seu Filho. Assim, ao partilharmos a Palavra, é Cristo mesmo o “exegeta” do seu mistério. Quando a Igreja introduz os cristãos no mistério contido na ação litúrgica, é o próprio Cristo que abre as mentes à inteligência da liturgia.

3.7. Mistagogia e evangelização: a comunidade como lugar hermenêutico da fé

A comunidade é o lugar hermenêutico da fé, local da experiência mistagógica que nos conduz a sairmos de nós mesmos em direção ao outro. É dentro da dimensão eclesial que se desenvolve uma educação cristã pautada na dinâmica da revelação, de proposta e de resposta. A comunidade se configura como um espaço hermenêutico no qual a pessoa se insere na tradição viva dos que receberam, viveram e transmitiram a fé apostólica. A vida comunitária é o ambiente propício para introduzir as pessoas no mistério salvífico de Cristo. Além do mais, apresenta-se como antídoto ao individualismo e ao egoísmo humanos.

A Igreja, fiel ao compromisso que recebeu, tem buscado dar respostas pastorais aos desafios que lhe são apresentados. Tanto o movimento catequético como o litúrgico e, de modo especial, o Vaticano II com seu *aggiornamento*, trouxeram um impulso renovador, no qual ainda caminhamos tentando discernir os melhores passos a serem dados. Disso, surgiram excelentes documentos; no Brasil, temos alguns basilares: *Catequese Renovada* (1983), *Diretório Nacional de Catequese* (2006), *Iniciação à Vida Cristã* (2009), *Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia* (2014), *Itinerário Catequético* (2014), e, mais recentemente, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos e missionários*¹³⁸.

Esses documentos manifestam o empenho da Igreja em buscar luzes para a iniciação cristã. Embora ainda se observa um descompasso entre os documentos e a prática. Entre os motivos de tal distanciamento, destacam-se as rápidas transformações no mundo, aliadas à invasão do campo das consciências através dos meios de comunicação.

¹³⁷ Ibidem, p. 22.

¹³⁸ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos e missionários*. Brasília: CNBB, 2017, 49.

A mistagogia é um importante caminho que consta no processo catecumenal indicado pelo Concílio e que pode nos oferecer luzes para os nossos caminhos de iniciação cristã. De modo especial, percebemos que a mistagogia não deve ser apenas uma etapa do processo catecumenal, mas deve se configurar como uma realidade presente na vida eclesial como um todo, sugerindo que nossas comunidades devem ser mistagógicas.

As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* apontaram para a urgência da iniciação à vida cristã como tarefa de toda a comunidade eclesial e não apenas de uma determinada pastoral. A comunidade toda deve se mobilizar para ser “casa da Iniciação à Vida Cristã”¹³⁹. Nessa perspectiva, a comunidade deve ser mistagoga, conduzindo as pessoas ao mistério.

Como disse Tertuliano, recordado pela CNBB, “os cristãos não nascem, se fazem”¹⁴⁰. Esse fazer supõe uma comunidade de fé, testemunha do Ressuscitado, que inicie os homens e mulheres num caminho de conversão. Ninguém se inicia sozinho, mas pela comunidade eclesial.

A Igreja é a comunidade de fé reunida por Deus, pela força do Espírito, a partir do testemunho dos que por primeiro encontraram o Ressuscitado. Só nela tem sentido seguir o caminho de Jesus, porque só ela transmite a tradição bíblica como mensagem de vida, com perene atualidade (cf. 1 Ts 2, 13), e não como documento arqueológico a que especialistas podem dedicar seu tempo e sua curiosidade¹⁴¹.

A Igreja não é uma instituição estática, uma realidade do passado, mas é uma comunidade viva que procura dar continuidade à missão salvífica de Jesus. Paulo a chamou de “uma carta de Cristo, entregue ao nosso mistério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!” (2 Cor 3, 3). É uma Igreja, portanto, concreta, constituída de alegrias e tristezas, angústias e esperanças dos filhos de Deus.

A Igreja é “Mãe, geradora de filhos e filhas que, à medida que vão sendo inseridos no mistério de Cristo, se tornam, ao mesmo tempo, crentes, profetas, servidores e testemunhas”¹⁴². Assim, ao serem inseridos na comunidade eclesial, vivenciando o processo catecumenal, os fiéis tornam-se testemunhas da vida nova em Cristo. E somente o fato de buscarem viver a

¹³⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2011, 41-46; 83-92.

¹⁴⁰ TERTULIANO *apud* CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos e missionários*. Brasília: CNBB, 2018, 58.

¹⁴¹ TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2009. P. 216.

¹⁴² CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos e missionários*. Brasília: CNBB, 2017, 112.

comunhão eclesial já é um testemunho contra todo e qualquer tipo de individualismo e solipsismo.

A Igreja mistagoga é testemunha de abertura ao mistério, de abertura aos irmãos. Sua “ação pastoral deve mostrar (...) que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais”¹⁴³. Assim, sua ação deve conduzir paulatinamente ao mistério, não só contido no rito sacramental, mas que permeia o mundo.

A mistagogia dos Padres da Igreja, dirigida aos neófitos, apontava para o significado dos ritos sacramentais, sempre dando ênfase à experiência de abertura e percepção consciente da presença do mistério em si mesmo e na história. Do mesmo modo, a Igreja mistagoga não se centra em si mesma, mas conduz os homens e mulheres à abertura do mistério que permeia a história. Afinal, a razão de ser da Igreja é cumprir o mandato de Cristo: “Ide, pois, ensinai todas as gentes” (Mt 28, 19). A comunidade dos cristãos nunca é fechada em si mesma, mas é aberta ao anúncio da Boa Nova. Portanto, ao viver a oração, ouvir a Palavra e os ensinamentos dos apóstolos, ao participar da fração do pão, a comunidade é impulsionada a dar testemunho para fora de seus muros, atraindo e inserindo mistagogicamente todos os homens na comunhão com Cristo.

¹⁴³ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59.

CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se propôs a refletir sobre o tema do itinerário mistagógico como um necessário caminho de iniciação cristã nos tempos atuais, no contexto em que os valores religiosos ou cristãos não ocupam mais propriamente o centro das convicções das pessoas. Esse problema ou indagação inicial conduziu a uma reflexão que motivou a escolha deste objeto de estudo.

A problemática em torno da mistagogia e da iniciação cristã levou a buscar uma análise panorâmica sobre as características da atual cultura que gerou certas mudanças de mentalidades já na modernidade e em seu desenvolvimento com a dita pós-modernidade.

Dessas questões que emergiram, procurou-se trilhar um caminho que ressaltasse alguns desafios para a transmissão da fé no contexto marcado por uma mudança de época. Além dos fundamentos bíblicos e do magistério, privilegiou-se uma apresentação da mistagogia cristã, gestada de forma original no período patrístico, quando pode ser considerada como um momento privilegiado e fonte de inspiração ainda para nós contemporâneos diante das novas mudanças.

Esse processo mistagógico do mundo antigo, fonte e inspiração para os atuais momentos de crise, foi retomado pelo Concílio Vaticano II através da restauração do catecumenato; este, a partir deste TCC, pode ser caracterizado como um modo adequado de assimilar os novos valores modernos e pós-modernos na evangelização atual.

Percebe-se a urgência, no momento atual, de retomar de forma dinâmica, criativa e inteligente, um modo de apostolado, em que o processo mistagógico, fonte formativa dos novos cristãos, seja vivido no contínuo acompanhamento da fé, privilegiando o aspecto propriamente existencial e concreto do itinerário, mais que o da mera transmissão de doutrinas ou verdades.

Diante de um cenário contemporâneo de avançada secularização, com suas características próprias – o individualismo narcísico, o consumo, os avanços tecnológicos e a fragmentação do ser humano – desafios profundos e complexos que mudam e ditam comportamentos, uma evangelização conveniente seria a do acompanhamento em chave mistagógica, envolvendo as pessoas, a partir do seu cotidiano, nos mistérios da fé vivenciados em confronto com a sua própria realidade, num contexto eclesial.

Em face do panorama descrito, observa-se que o sentido de Deus e a experiência religiosa realizada pelas pessoas e os cristãos de nossas comunidades entram em uma nova configuração existencial, o que nos impele, como evangelizadores, a buscar novas formas de

acompanhamento, tendo a pessoa e sua integralidade – “imagem e semelhança de Deus” – como central.

No itinerário mistagógico patrístico encontramos importantes elementos a serem reinterpretados, como, por exemplo, a necessária síntese entre a doutrina que se afirmava (o conhecimento abstrato) e a experiência real da pessoa (o conhecimento concreto como sabedoria); a integração entre os ritos, o mistério revelado e explicado pelos ritos (não um *rubricismo* formal) e a vida da pessoa integrada nessa realidade de fé. Com o Concílio Vaticano II e as reformas posteriores, os ritos antigos passaram por uma profunda restauração em seu sentido originário, conduzindo a uma maior integração entre a experiência bíblica, os ritos e a vida da pessoa.

A restauração e o novo ímpeto evangelizador, oriundos da inspiração amadurecida da teologia conciliar e pós-conciliar, ainda estão em um processo de melhor adequação diante da nova realidade cristã. Há um caminho aberto no qual se estão dando passos. Vemos que um itinerário mistagógico é imprescindível para a evangelização atual, de modo que a transmissão da fé não fique reduzida à dimensão cognitivo-ritualística, mas que desabroche e assuma a realidade concreta e integral do ser humano.

À guisa de conclusão, assevera-se que, diante do domínio tecnocientífico moderno e suas implicações na vida das pessoas, mudou-se o modo de viver a experiência de fé. Em síntese, acreditamos ser necessário trilhar um caminho pedagógico (um itinerário) que valorize o simbólico; que reintegre a catequese e liturgia, de modo que toda a Igreja retorne à sua missão mistagógica de conduzir seus filhos ao mistério salvífico de Cristo, atendo-se à ordem indicada por Jesus: “*Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei*” (Mt 28, 19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINI, N. *Teologia Moral. O que você precisa viver e saber*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ALBERIGO, G. *A Igreja na história*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. São Paulo: Zahar, 2009.
- BECKER, U. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BECKHÄUSER, A. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOGAZ, A.; COUTO, M.; HASEN, J. *Patrística: caminhos da tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOROBIO, D. (.). *A celebração na Igreja I*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- BUYST, I. Simbolização, aprendendo com os gestos cotidianos. In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 157, 2000.
- BUYST, I. *O Mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BUYST, I. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CÂMARA, Dom Helder. *Em tuas mãos, Senhor!* Paulinas: São Paulo, 1986
- CANTALAMESSA, R. *O mistério da Páscoa*. Aparecida: Editora Santuário, 2016.
- CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O pedagogo*. Campinas: Ecclesiae, 2013.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. Constituição Sacrosanctum Concilium.* Petrópolis: Vozes, 1969.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. Decreto Ad Gentes.* Petrópolis: Vozes, 1969.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, *CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. Declaração Dogmática Gravissimum Educationis.* Petrópolis: Vozes, 1969.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. Constituição Pastoral Gaudium et Spes.* Petrópolis: Vozes, 1969.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. Constituição Dogmática Dei Verbum.* Petrópolis: Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *A celebração do mistério pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal.* São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja.* São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.* São Paulo: Paulus, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório de catequese.* São Paulo: Paulinas, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos e missionários.* Brasília: CNBB, 2017.

COSTA, R. F. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 2015.

COSTA, R. F. D. *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais.* São Paulo: Paulus, 2014.

COX, H. *O futuro da fé.* São Paulo: Paulus, 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* São Paulo, Brasília: Paulus, Paulinas, Edições CNBB, 2009.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium.* São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO. *Laudato Sí.* São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2015.

GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje. Hermenêutica teológica.* São Paulo: Paulinas, 1989.

GIBIN, M. I. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e Catequese em Roma no século III.* Petrópolis: Vozes, 1981.

- GIRAUDO, C. *Num só Corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GRILLO, A. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: CNBB, 2017.
- HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JOÃO XXIII. Gaudet Mater Ecclesia. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 27-35.
- JOSAPHAT, C. *Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- JUNGES, J. R. *Evento Cristo e Ação Humana. Temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- LACOSTE, J.-Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LELO, A. F. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- LELO, A. F. Pedagogia catecumenal: moda ou herança? In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 66, 2009.
- LIBÂNIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LIMA VAZ, H. C. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIMA, L. A. D. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016.
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole LTDA, 2005.
- LYPOVETSKY, G. *A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.
- MARDONES, J. M. *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*. Bilbao: Editora Sal Terrae, 1988.
- MATOS, H. C. J. *Caminhando pela história da igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, v. III, 1986.
- MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in época patrística*. Roma: Centro Liturgico Vicenziano, 1988.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NOCENT, A. A iniciação cristã. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de liturgia*. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 599-606.

NOLAN, A. *Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2009.

PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.

RICOEUR, P. *A simbólica do mal*. Lisboa: Edições 70, 2013.

RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001.

TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2009.

THEOBALD, C. *A Revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.